

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS – CCT
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO – CAU
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO – DAU

SOPHIA MOURA NOGUEIRA

**SABERES CONSTRUTIVOS TRADICIONAIS NA MORADIA DO TERRITÓRIO
QUILOMBOLA DE SACO DAS ALMAS**

São Luís - MA

2024

SOPHIA MOURA NOGUEIRA

**SABERES CONSTRUTIVOS TRADICIONAIS NA MORADIA DO TERRITÓRIO
QUILOMBOLA DE SACO DAS ALMAS**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof. Dr. Marluce Wall de Carvalho Venancio

São Luís - MA
2024

Nogueira, Sophia Moura.

Saberes construtivos tradicionais na moradia do território Quilombola de Saco das Almas./ Sophia Moura Nogueira – São Luís, 2024.

79 f.: il.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Marluce Wall de Carvalho Venancio

1. Moradia. 2. Comunidades quilombola. 3. Arquitetura vernácula. 4. Saberes construtivos. I. Título.

CDU: 728.18:316.35(812.1)

Elaborada por Raimunda Aires - CRB 13/939

SOPHIA MOURA NOGUEIRA

**SABERES CONSTRUTIVOS TRADICIONAIS NA MORADIA DO TERRITÓRIO
QUILOMBOLA DE SACO DAS ALMAS**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marluce Wall de Carvalho Venancio
(Orientadora)

Prof. Dr. Carlos Frederico Lago Burnett
(Coorientador)

Marcos Andrei Freire Dias
(Avaliador externo)

Dedico este trabalho aos moradores do Território Quilombola Saco das Almas e à minha mãe que me ensinou que a educação salva a vida.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Marivânia Moura, é um desafio expressar o quanto eu sou grata por ter a oportunidade de vir ao mundo como sua filha e ter o privilégio de ser orientada por você. De um modo completamente seu você me apresentou o mundo, e eu amo estar nele! Obrigada por me apoiar e me deixar livre para me desenvolver. Obrigada mais ainda por me ensinar que a educação salva a vida. Sem você nada seria possível. Além do amor, a admiração que eu sinto por você transborda em mim.

Ao meu pai, Ronaldo Rezende, você sempre vai estar vivo em mim, na nossa estante de livros, nos cd's com suas músicas favoritas, nas histórias das pessoas queridas, nos álbuns de foto de Cuba que eu guardo com tanto carinho, obrigada por ser tão inspirador.

A minha tia e minha avó, Vilmara Moura e Vandelize Moura, vocês me cuidam desde os meus primeiros momentos de vida e tudo que eu sou, conquisto e vou conquistar é fruto do apoio e suporte incondicional em toda minha trajetória.

Aos meus amigos gostaria de agradecer e dedicar minha música favorita de infância e vida, já diziam os Saltimbancos que “Todos juntos somos fortes, somos flecha e somos arco, todos nós no mesmo barco, não há nada a perder!”. Yanca Câmara, Carla Renata, Ana Luiza Galves, Ana Beatriz Pessoa, Beatriz Costa, Luiza Ferreira, Johana Cantanhêde, vocês são presentes para mim e em mim, obrigada por todo o apoio, carinho, companheirismo e contribuição para a minha existência.

Ao meu companheiro e melhor amigo, Gustavo Melo, obrigada por ser quem você é e me amar pelo o que eu sou. Seu carinho, apoio, suporte, conforto, incentivo e ajuda foram essenciais nessa trajetória.

Ao professor Carlos Frederico Lago Burnett, pelos ensinamentos e dedicação indispensáveis, inspiração como pesquisador e exímio curioso, excelente profissional e pessoa que tive a sorte de ter como professor. A ele devo minha imensa gratidão pelas oportunidades de pesquisa oferecidas e que contribuíram para que eu amadurecesse um pouco mais na minha trajetória como arquiteta, urbanista, pesquisadora e humana. É em quem me espelho para me tornar a profissional que sonho ser.

A professora Marluce Wall, pela paciência e bom-humor com que tem me orientado desde o fim da graduação, por me encorajar, apoiar meu trabalho e compartilhar seu conhecimento comigo.

À FAPEMA, por ter possibilitado que eu me dedicasse inteiramente a esta pesquisa.

Ao grupo de pesquisa LATESE, pelo crescimento profissional e pessoal, por mostrar a importância da iniciação científica e trabalhos de campo, dos quais não seria possível a conclusão deste trabalho.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que só dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender

Aos moradores de Saco das Almas, em especial a Clidenor, Manuel Texeira Maria de Fátima e família, Maria José, Maria dos Milagres, pela solicitude com que me trataram em todas as vezes que estive no povoado. Sem o apoio e a disposição de vocês, esta pesquisa não existiria.

Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. (Gaston Bachelard)

RESUMO

Para além da materialidade das construções, o conhecimento das sabedorias construtivas tradicionais desempenha uma função crucial no estudo da arquitetura vernácula. Esse conhecimento nos permite entrar em contato com a trajetória histórica e cultural de uma comunidade e a sua expressão por meio da construção da moradia. Sob a perspectiva histórica, cultural e arquitetônica, esse trabalho registra os processos que compõem os saberes construtivos tradicionais da moradia na comunidade quilombola de Saco das Almas, localizada nos municípios de Brejo e Buriti, no Maranhão. O trabalho teve como objetivo principal ouvir das pessoas dessas comunidades as informações atuais e históricas sobre os processos que caracterizam os seus saberes construtivos tradicionais e registrá-las, em busca da valorização das suas tradições e costumes.

Palavras-chave: Moradia; Comunidades quilombolas; Arquitetura vernácula; Saberes construtivos.

ABSTRACT

Beyond the materiality of constructions, the knowledge of traditional construction wisdom plays a crucial role in the study of vernacular architecture. This knowledge allows us to connect with the historical and cultural trajectory of a community and its expression through the construction of dwellings. From a historical, cultural, and architectural perspective, this work documents the processes that constitute the traditional construction knowledge of housing in the quilombola community of Saco das Almas, located in the municipalities of Brejo and Buriti, in Maranhão, Brazil. The main objective of this work was to gather current and historical information about the processes that characterize their traditional construction knowledge from the people of these communities and to document them, aiming to appreciate their traditions and customs.

Key Words: Dwelling; Quilombola communities; Vernacular architecture; Construction knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Comunidades descendentes de quilombos no Maranhão.....	20
Figura 2 - Tipos de materiais das paredes externas das moradias– MA.....	29
Figura 3 - Casa de taipa – Comunidade Saco das Almas – Brejo-MA.	30
Figura 4 - Composição da técnica taipa de mão.....	30
Figura 5 - Exemplos de estrutura auxiliar: a) entramado em trama dupla, uma em cada face da estrutura; b) entramado reticular simples no meio da estrutura; c) tecida em tramas estreitas no meio da estrutura.	31
Figura 6 - Casa de adobe – Comunidade Saco das Almas – Brejo-MA.....	32
Figura 7 - Dona Januária e seus filhos e netos, descendentes do Capitão Timóteo.	34
Figura 9 - Mapa de Uso e Cobertura Vegetal.....	38
Figura 10 - Machado.....	40
Figura 11 - Patacho.....	40
Figura 13 - Casas na Comunidade de São Raimundo no Território Quilombola de Saco das Almas.	42
Figura 14 - Casa em São Raimundo - Território Quilombola Saco das Almas.	43
Figura 15 - Senhor Manoel Teixeira torcendo o Cipó Verdadeiro.	44
Figura 16 - Cipó de Escada.	45
Figura 17 - Casa de adobe – Comunidade São Raimundo – Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.	46
Figura 18 - Senhor Manoel Teixeira, habitante da Comunidade de São Raimundo, moldando tijolos de adobe.	47
Figura 19 - Detalhe da Moradia de Adobe no Território Quilombola de Saco das Almas, Brejo - Maranhão.....	48
Figura 20 - Muro em adobe na comunidade de São Raimundo/Boa Esperança, território quilombola de Saco das Almas, 2021.....	48
Figura 21 - Casa construída com tijolo adobe e tijolo cerâmico – Comunidade São Raimundo – Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.	49
Figura 22 - Casa de taipa – Comunidade Vila das Almas – Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.....	51
.....	51

Figura 23 - Vista externa do anexo da casa dos pais do Francisco, Boca da Mata, Saco das Almas.	52
Figura 24 - Casa construída com tijolo adobe e tijolo cerâmico – Comunidade São Raimundo – Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.	54
Figura 25 - Cobertura de telha cerâmica – Território Saco das Almas, Brejo/MA	56
Figura 26 - Cobertura de Palha – Território Saco das Almas, Brejo/MA.	56
Figura 27 - Janela de madeira - Território Saco das Almas, Brejo/MA.	57
Figura 28 - Cortina separando os ambientes - Território Saco das Almas, Brejo/MA....	58
Figura 29 - Fachada da casa da Maria José.	59
Figura 30 - Forno à lenha.	60
Figura 31 - Fachada da casa de Clidenor.	60
Figura 32 - Lateral da Casa de Clidenor com a antiga casa em adobe.	61
Figura 33 - Fachada da casa de Manuel.	61
Figura 34 - Casa de farinha.	62
Figura 35 - Divisão dos ambientes – Território Saco das Almas, Brejo/MA.	63
Figura 36 - Sala – Casa Maria José– Território Saco das Almas, Brejo/MA.	64
Figura 37 - Sala – Casa Maria de Fátima– Território Saco das Almas, Brejo/MA.	64
Figura 38 - Quarto– Casa Maria de Fátima– Território Saco das Almas, Brejo/MA. ...	65
Figura 49 - Cozinha – Casa Maria das Graças– Território Saco das Almas, Brejo/MA.	66
Figura 40 - Cozinha – Casa Maria de Fátima– Território Saco das Almas, Brejo/MA....	67
Foto 41 - Depósito - Território Saco das Almas, Brejo/MA.	69
Foto 42 - Depósito - Território Saco das Almas, Brejo/MA.	70
Figura 43 - Casa de Farinha – Comunidade Criolis/Boca da Mata – Território Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.	70
Figura 44 - Casa de forno – Comunidade Criolis/Boca da Mata – Território Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro de Recursos Naturais encontrados e informados na Comunidade São Raimundo - Território Quilombola Saco das Almas, Maranhão.	43
Tabela 2 - Leste Maranhense: percentuais do material das moradias e a estimativa em tijolo (cerâmico, maciço, e adobe).	46
Tabela 3 - Informações da casa Maria José.	59
Tabela 4 - Informações da casa de Clidenor.....	60
Tabela 5 - Informações da casa Manuel.....	61

LISTA DE SIGLAS

ACONERUQ – Associação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas

CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

CCN-MA – Centro de Cultura Negra do Maranhão

CPT – Comissão Pastoral da Terra

DATASUS – Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LATESE – Laboratório de Análise Territorial e Estudos Sócio-Econômicos

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PMCMV-E – Programa Minha Casa Minha Vida Entidades

PNHR – Programa Nacional de Habitação Rural

SIAB – Sistema de Informação da Atenção Básica

SMDH – Sociedade Maranhense dos Direitos Humanos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. TERRA, TRADIÇÃO E COMUNIDADE	17
2.1 Povos e comunidades tradicionais: os quilombolas	17
2.2 Arquitetura vernácula e tradição popular	21
2.1.2 Autoprodução na arquitetura rural	24
2.2.2 Arquitetura em terra: procedimentos e práticas	26
3. DA TERRA AO LAR	32
3.1 O território quilombola de Saco das Almas	32
3.2 Gestão dos recursos naturais no território	37
3.2.2 Uso de recursos naturais na construção	40
3.3 Técnicas construtivas e materiais	45
3.3.1 Coberturas, revestimentos e esquadrias	54
3.4 A moradia em Saco das Almas	58
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	74

1. INTRODUÇÃO

Além da mensuração de valores e a geometria da forma, a arquitetura é uma manifestação cultural, e para além da unidade da edificação existe um aspecto simbólico, assim como materialização de um modo de vida, expresso na vivência, produção e customização do espaço. Ao arquiteto, cabe ir além da crítica e concepção do espaço voltada para conceitos formais, e se permitir explorar a pluralidade cultural presente na arquitetura produzida pelo povo, dando luz a saberes tradicionais pouco conhecidos.

De acordo com Weimer (2005), a arquitetura popular esteve por muito tempo à margem de estudos acadêmicos em detrimento da arquitetura erudita, fazendo com que seu entendimento e registro ficassem limitados a poucas publicações. Em comunidades remanescentes de quilombos - situadas principalmente nas zona rural, onde a transmissão da cultura, valores e do saber fazer é predominantemente oral, existem poucos registros sobre a sua sabedoria construtiva. Em conformidade, as técnicas de construção empregadas pelos habitantes refletem um conhecimento prático acumulado e transmitido de geração em geração. Valorizar essas práticas é essencial para preservar a autonomia das pessoas nos processos, pois o saber escriturário tende a se sobrepôr e desvalorizar o saber tradicional, produzido coletivamente.

Conforme mostram estudos, a transmissão de conhecimento tradicional tem sido interrompida devido à migração da população jovem e adulta em busca de emprego em regiões com grande demanda de mão de obra (TUBALDINI E DINIZ, 2011; MOREIRA E CARMO, 2012). Com a migração de jovens e adultos, acontece a

interrupção da passagem do conhecimento e o enfraquecimento do legado cultural construído pelas gerações anteriores. Questões contemporâneas como a industrialização da construção, a transformação da mesma em produto, e a criação de barreiras sociais têm sido colocadas por autores como Glassie (1990), Oliver (1990) e Asquith e Vellinga (2006) como fatores que têm ocasionado a Interrupção na transmissão de conhecimento entre diferentes gerações de comunidades tradicionais.

O espaço rural maranhense possui mais de dois milhões de moradores, o que representa cerca de 36% da população do Estado, o maior percentual de população rural do país, segundo dados do IBGE (2010), é importante aprofundar o entendimento da realidade rural por meio da análise da casa, pois com isso, é permitido conhecer os saberes tradicionais envolvidos nas ações cotidianas referentes ao construir, morar, produzir e se relacionar. As pesquisas referentes à moradia rural quando comparadas às urbanas ainda são insuficientes, o que dificulta a investigação de aspectos relacionados a este quesito.

O Território Quilombola de Saco das Almas, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2004, é formado por seis comunidades, localizadas nos Municípios de Brejo (Vila das Almas, Faveira, São Raimundo/Boa Esperança, Criulis/Boca da Mata) e Buriti (Vila São José e Pitombeira) no Maranhão, possui cerca de 23.000 hectares, onde residem 1.300 famílias e 5.200 pessoas (Furtado; Muniz, 2017). Atualmente, Saco das Almas vive um conflito territorial e ideológico. O confronto de projetos antagônicos se dá entre o avanço do agronegócio no território junto à sua ideologia de expansão predatória, capitalista e individual em contraposição ao modo de vida e existência dos quilombolas pautados na vivência coletiva e relação harmônica com a natureza.

Esse confronto vai além da ideologia e na prática observam-se que o agronegócio utiliza práticas como a eliminação da biodiversidade para dar lugar à monocultura da soja e uso sistemático de agrotóxicos, levando à perda de plantações e criações de pequenos animais, ameaçando também recursos naturais com os quais produzem suas casas e demais construções predominantemente edificadas com terra e madeira, isso afeta ambiente, o modo e condições de reprodução de vida dos quilombolas. Em contrapartida, a população de Saco das Almas resiste às invasões e conflitos, organizando-se coletiva em grupos que buscam garantir seus direitos territoriais e reproduzindo entre gerações suas práticas culturais, que podem ser interpretadas como festividades, crenças, a relação harmônica estabelecida com a natureza, suas relações de trabalho, a forma como produzem e vivenciam o espaço. Nesse sentido, é de extrema importância o

estudo, registro e divulgação dos saberes construtivos tradicionais dessa comunidade, pois ao tempo que denunciam o genocídio cultural contribuem para sistematizar o saber tradicional local e fortalecer a sua permanência entre as comunidades.

É a partir de tais questões, este trabalho busca registrar os saberes construtivos tradicionais na moradia do Território Quilombola de Saco das Almas, explorando os sistemas construtivos tradicionais em terra, taipa de mão e adobe, a forma de gerir e utilizar os recursos naturais presentes no território nas construções e a constituição da casa, com vistas à divulgação daquela sabedoria popular construtiva que é ameaçada pelos impactos socioespaciais do agronegócio presente na região e por processos de desterritorialização.

A metodologia utilizada no presente trabalho consiste em quatro momentos, o primeiro de fundamentação teórica sobre o tema, o segundo equivale ao levantamento de dados para o trabalho de campo, o terceiro momento foi o de sistematização e análise do material adquirido e por fim o quarto, sintetizando o material de estudo para apresentação e discussão dos resultados obtidos. Como fundamento teórico das atividades, procedeu-se a um estudo bibliográfico sobre o conceito teórico e histórico do tema da questão quilombola no Brasil e no Maranhão, incluindo a coleta e sistematização das informações disponíveis em fontes secundárias, tanto em termos nacionais, quanto no Maranhão. Para a obtenção de dados foi feita pesquisa teórica com autores que estudam os conflitos e problemática da região (Almeida, 2017), o laudo antropológico de Saco das Almas (Furtado, 2013), dados sobre a formação do território e ocorrência de conflitos territoriais e ambientais (Viana, 2018), pesquisa sobre as formas de produção e usos da moradia popular tradicional maranhense (Burnett, 2019), análise sobre a autoprodução da moradia popular no Maranhão (Burnett, 2020), além de dados sobre as moradias em Saco das Almas (Nogueira, 2021).

As premissas para elaboração dos instrumentos de levantamento, necessárias para desenvolver o trabalho de campo foram: definição dos roteiros de campo, coleta de informações a partir de entrevistas – que permitem abertura para situações novas postas pelos entrevistados. Na execução do trabalho de campo: aplicação prática dos procedimentos das etapas anteriores, possibilitando avaliação e validação dos instrumentos pensados para sua compreensão e apreensão. Seguido pela organização e tabulação dos dados coletados. Além da avaliação crítica do material, organização a partir de categorias dos dados, agrupamento de tipos e interpretação dos conhecimentos adquiridos com base no referencial teórico adotado.

A escolha da temática do Trabalho Final de Graduação partiu da participação, no período de dois anos na condição de bolsista, do projeto de pesquisa “TRADIÇÃO, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E TECNOLOGIAS SOCIAIS: Redes de Conhecimento e Comunicação no Território Quilombola de Saco das Almas, Municípios de Brejo e Buriti, Maranhão” realizado pelo Laboratório de Análise Territorial e Estudos Sócio-Econômicos - LATESE, coordenador pelo Professor Dr. Carlos Frederico Lago Burnett, concluído em 2021, assim como algumas disciplinas durante o curso que fomentaram o interesse no tema em questão.

Dessa maneira este trabalho tem como intuito além de registrar o conhecimento construtivo, estimular as discussões e conseqüentemente a valorização sobre saberes tradicionais relacionados à moradia de descendentes de quilombolas, buscando constituí-lo enquanto pauta de ensino e aprendizado na academia.

2. TERRA, TRADIÇÃO E COMUNIDADE

2.1 Povos e comunidades tradicionais: os quilombolas

As “comunidades remanescentes de quilombos” são grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da população brasileira. Sua identificação é a base da sua organização, existência coletiva e sua ação política. Segundo Arruti (2006), a definição de Quilombo pode ser caracterizada por: ruralidade, forma camponesa, terra de uso comum, apossamento secular, adequação a critérios ecológicos de preservação de recursos, presença de conflitos e antagonismos vividos pelo grupo e, finalmente, mas não exclusivamente, uma mobilização política definida em termos de autoidentificação quilombola. As comunidades remanescentes de quilombos estão inseridas no contexto das “comunidades ou povos tradicionais”. A categoria “comunidades tradicionais” é relativamente nova na esfera governamental, acadêmica e social. Essa expressão surgiu a partir da criação das unidades de conservação (áreas protegidas pelo IBAMA) para representar as comunidades tradicionalmente residentes nestas áreas: Povos Indígenas, Comunidades Remanescentes de Quilombos, Extrativistas, Pescadores, dentre outras.

Algumas comunidades se apropriaram do termo quilombo no primeiro sentido, como luta por direitos e pela valorização de sua identidade e cultura. Essas podem ser vistas como “territórios de resistência”, como propõe Souza (2013, p.224), em analogia e em continuidade aos antigos espaços de resistência à escravidão. Ainda de acordo com Souza (2013), os quilombos desafiam e afrontam a ordem estabelecida, precisam tecer e manter redes de suporte logístico e solidariedade que integram diversos atores sociais.

Little (2002) ressalta fatores como “a existência de regimes de propriedade comum, o sentido de pertencimento a um lugar, a procura de autonomia cultural e

práticas adaptativas sustentáveis que os variados grupos sociais analisados mostram na atualidade”. Quanto à etnogênese do conceito de povos tradicionais e seus subsequentes usos políticos e sociais, o referido autor afirma que o conceito surge para englobar grupos sociais distintos que defendem seus territórios frente à usurpação de outros grupos sociais ou mesmo do Estado-nação.

A produção econômica podia ser complexa, além do feijão, arroz e mandioca com fartas plantações, aproveitavam do peixe em abundância e da carne de animais silvestres, pois passavam dias caçando, também plantavam, colhiam e realizavam festas para homenagear suas colheitas. A face camponesa quilombola se ampliava e se articulava diferentemente em regiões, contextos e períodos diversos, embora sejam esparsas as fontes detalhadas sobre a vida interna nos quilombos, certos indícios apontam para excedentes econômicos que os favorecem em trocas mercantis, além disso, a prática dos saques a fazendas e povoados funcionava como complemento (Gomes, 2015).

Almeida (2006) menciona a incorporação das expressões “populações tradicionais”, “comunidades tradicionais” na legislação competente e sua adoção pelo governo na definição dos seus aparatos burocrático-administrativos. De acordo com o autor, o “tradicional” não se reduz à história, nem tampouco a laços primordiais que incorporam identidades coletivas, mas envolve identidades que se redefinam situacionalmente numa mobilização contínua.

A questão do quilombola foi colocada no cenário nacional a partir da década de 70, e nessa época também houveram mobilizações políticas que culminaram na publicação de um artigo das Disposições Transitórias, da Constituição de 1988, que dá direito à titulação das terras ocupadas (Silva, 2012, p. 02 apud Farias, 2018, p. 43).

A Constituição de 1988, portanto, formaliza direitos que já haviam sido apresentados por representantes dos movimentos sociais organizados. A criação da Fundação Cultural Palmares em 1988, vinculada ao Ministério da Cultura, tem por finalidade “promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira” (Furtado, 2012).

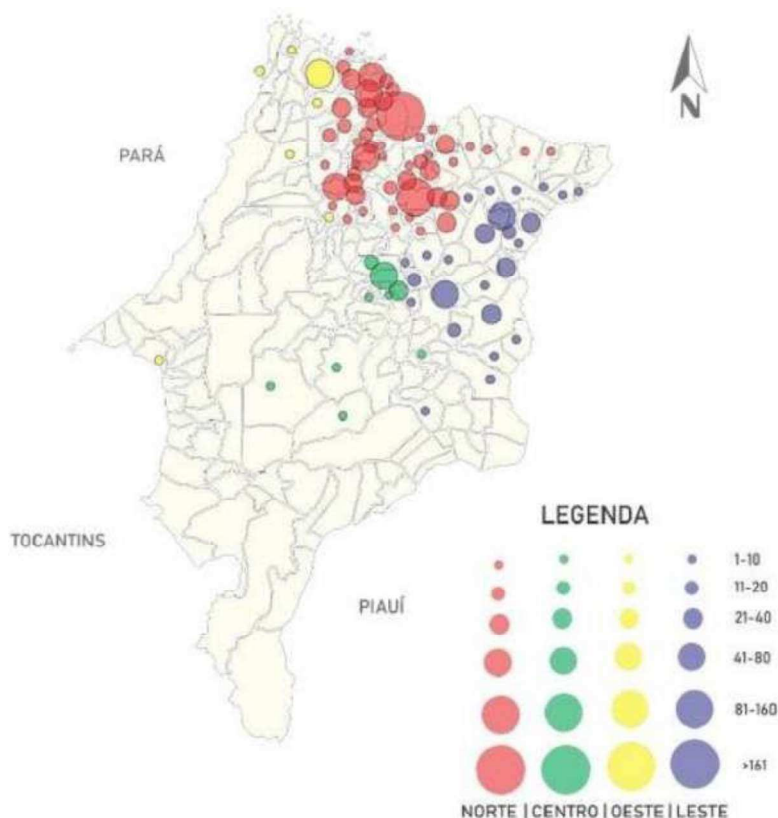
Em 2003, é aprovado o Decreto 4887 que regulamenta o processo para identificação, delimitação, reconhecimento, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de acordo com art.

68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que confere titulação de propriedade definitiva aos reconhecidos, estabelece em seu art. 2º:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autodefinição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 1988).

No Brasil são mais de 2.890 comunidades descendentes de quilombolas, onde mais de 680 estão localizadas em território maranhense, de acordo com dados da Fundação Cultural Palmares (2017). A questão dos remanescentes de quilombolas maranhenses se insere na história do Centro de Cultura Negra do Maranhão, criado em 19 de setembro de 1979, entidade cuja luta, organização e projetos visam ações de formação para os afro descendentes perceberem se como sujeitos históricos, sociais, capazes de modificar a realidade de opressão em que vivem – resquício da forma de racismo ainda existente no país. Atualmente, os encontros são organizados pela Associação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas (ACONERUQ), criada em 1997, filiada à Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), assim como vários projetos cujos objetivos abarcam a formação cultural e qualificação profissional de jovens, regularização das associações quilombolas, o processo de identificação e mapeamento das comunidades quilombolas. Vale acrescentar que, no Maranhão, a origem dessas comunidades está vinculada à crise açucareira e algodoeira, na segunda metade do século XIX, que obrigou muitos proprietários endividados a abandonarem suas terras, possibilitando muitas famílias de escravos e ex escravos a apropriação de terras incultas e abandonadas, gerando, atualmente, intensas disputas com fazendeiros, grileiros e empresários (Silva, 2012 apud Farias, 2018, p.44).

Figura 1 - Comunidades descendentes de quilombos no Maranhão.



Fonte: Baseado em GOMES (2015), desenvolvido por LATESE, 2018.

A desagregação da economia rural maranhense de base escravista provocou, por outro lado, um outro fenômeno ocorrido nas últimas décadas do século XIX, que foi o abandono de muitas fazendas por seus proprietários, o que oportunizou ao ex-escravo a possibilidade de permanecer nessas terras abandonadas, onde já trabalhavam e ali preservar formas simples de viver, mantendo suas tradições de trabalho, família, religiosidade, etc. importantes elementos que ajudariam na manutenção de uma identidade negra. Essas terras, agora ocupadas pelos negros ex-escravos e seus descendentes é que seriam então denominadas pelos próprios moradores, assim como por aqueles que habitam seu entorno, como “terras de preto”, um tipo de classificação que indica a terra como fator de identidade étnica, mas que também podiam delimitar o espaço onde viviam esses negros, tanto para si mesmo quanto para aqueles que estavam de fora (Projeto Vida de Negro, 2002).

Para os habitantes das comunidades remanescentes de quilombos, a territorialidade representa um forte fator identitário. Pois, envolvem as relações com os recursos naturais presentes e contribui para que os aspectos culturais sejam

consolidados. Os recursos naturais existentes influenciam no modo de vida dessas comunidades, que extrai para fins de uso e de comércio os produtos básicos necessários para sobrevivência. Assim como as suas moradias que, de acordo com Furtado (2012), são resultados dos recursos encontrados na natureza, expressa também na forma de saberes seculares, sobretudo, no que diz respeito à construção de um padrão arquitetônico das casas.

Além da territorialidade, um aspecto fundamental das comunidades tradicionais é a reprodução dos seus modos de vida. Para Simmel (1983), a constituição e manutenção de “formas sociais”, reconhece a “sociedade” em toda a parte onde os indivíduos se encontram em “reciprocidade de ação”. A cada instante, forças perturbadoras, externas ou não, opõem-se ao agrupamento, tendendo a dissolvê-lo. O autor continua indicando que, “todavia, a essas causas de destruição opõem-se forças conservadoras que mantêm unidos esses elementos, asseguram sua coesão e, através disso, garantem a unidade do todo”. Assim, a continuidade dos seres coletivos pode estar diretamente relacionada à permanência do território em que vivem.

As ações de reconhecimento, regularização e titulação das terras de quilombos no Maranhão, assim como no resto do Brasil, tem como consequência o surgimento de tensões e conflitos pela terra. No cenário político atual, de um lado, estão as comunidades negras tradicionais quilombolas e os movimentos sociais de resistência e, de outro, o governo federal e estadual, agentes estatais, proprietários de terras, e todos aqueles indivíduos e grupos dominantes que partilham da lógica de reprodução capitalista, disputando interesses sobre um mesmo território. Deste modo, dificultando o procedimento administrativo e o reconhecimento de seus direitos constitucionais.

2.2 Arquitetura **vernácula** e **tradição** popular

Kapp e Baltazar (2012) afirmam que arquitetura vernacular ou construção vernacular, em analogia com a língua vernacular, designa práticas tradicionais baseadas em conhecimento empírico e recursos locais, desenvolvidas ao longo de muito tempo por muitas pessoas. Tais práticas podem ter padrões e códigos, mas eles nunca são fixados ou formalizados, nem são transmitidos via educação formal. Construtores vernaculares ensinam uns aos outros e aprendem fazendo e,

eventualmente, conversando sobre o que fazem. Uma vez que a produção é motivada por um valor de uso, não há divisão social do trabalho, isto é, cisão hierárquica entre atividades materiais e intelectuais, embora haja divisão funcional do trabalho.

Segundo Rapoport (1969), a arquitetura vernácula, ou arquitetura popular é um dos meios de materialização da cultura popular, das necessidades, dos valores, dos desejos e dos sonhos expressos em uma edificação ou em uma organização territorial. Nesse sentido, o autor considera que a maioria das pessoas de uma determinada região sente mais identificação cultural com essa arquitetura ao invés da arquitetura formal, representada pela cultura da elite. Estas edificações estão relacionadas ao meio na qual estão inseridas e aos materiais disponíveis, são construídas pelos próprios moradores ou pela comunidade utilizando a tecnologia tradicional do local e são erguidas com objetivos específicos para atender as demandas e o modo de vida de acordo com a cultura que as produz.

Outro aspecto levantado por Rapoport (1996), é que no processo do vernáculo existem mais variações individuais, mesmo que o estilo da construção seja idêntico para várias pessoas. Ainda segundo Rapoport (1969, p. 4) é que, mesmo que haja a figura do construtor – que seria uma pessoa da própria comunidade com mais experiência do que os demais moradores, o proprietário da edificação participa diretamente do processo de projeto e construção, o que o diferencia de um simples consumidor. Segundo o autor, neste caso, como a construção é feita por pessoas dentro de um mesmo contexto cultural, há a permanência da herança tradicional da comunidade e esses valores são refletidos na edificação.

Oliver (2006) afirma que o termo Arquitetura Popular também pode ser empregado, mas há uma diferença entre as construções vernaculares ou populares construídas pela comunidade e a edificação popular construída para pessoas da comunidade, embora essa última possa incorporar características e estratégias que são utilizadas em construções vernaculares. Em suma, para Oliver (2006, p. 43, tradução nossa), a “Arquitetura Vernacular é a linguagem arquitetônica do povo que possui dialetos étnicos locais e regionais” e, por esse motivo, pode ser compreendida como uma Identidade Cultural Local”.

De acordo com Silva (2012), na literatura científica são comumente denominadas comunidades tradicionais os grupos cuja experiência individual e

coletiva é transmitida oralmente e que este tipo de passagem de conhecimento recebe uma carga de significados uma vez que é passado por meio de um testemunho através das gerações. Segundo a autora, as memórias de um grupo social devem ser entendidas como um documento histórico com o mesmo valor de um documento escrito, pois apresentam outras versões da história.

Ao diferenciarem a arquitetura monumental da vernácula, Crouch e Johnson (2001, p. 287) estabelecem que a:

arquitetura monumental é massiva, imponente, grandiosa em quantidade ou qualidade, com escala épica, de significado duradouro, e construída para se manter na memória. A arquitetura vernácula é a arquitetura do “dia a dia”, feita com técnicas comuns, características decorativas, e materiais referentes a um período, região ou grupo.

Memmott e Davidson (2008), afirmam que as tradições nada mais são do que todas as questões levantadas pela arquitetura. Pois a ênfase dada à questão da transmissão cultural entre gerações aborda discursos arquitetônicos sobre a codificação de conceitos e decodificação de significados, assim como a adaptação ao meio no qual está inserido e as necessidades peculiares de cada grupo em seu contexto social e econômico.

Neste sentido, para Glassie (1990), o estudo da arquitetura vernácula produz o conhecimento de que arquitetura é cultura, e que toda cultura é composta por diferentes tipos de valores, devendo os edifícios serem construídos de acordo com a cultura local, pois o que é bom para uma cultura não é necessariamente bom para outra.

Com a industrialização da construção civil, o surgimento de novos materiais, novas maneiras de construir, programas de moradias e todo tipo de facilidade que a vida moderna tem a oferecer, a edificação passou a ter uma conotação de produto (Asquith e Vellinga, 2006). Como consequência, a chegada do moderno e a introdução de materiais e técnicas não vernáculas em um contexto tradicional faz com que o conhecimento tradicional seja enfraquecido (Oliver, 1990).

Devido à migração da juventude, os saberes construtivos e culturais das comunidades tradicionais estão passando por transformações e sendo substituídos por novos modos de produção, em consequência à quebra de transmissão de conhecimento entre gerações. Segundo Glassie (1990), a perda da tradição

vernácula está usualmente associada à criação de barreiras que interferem nas interações sociais e atingem o cerne da sociedade, onde, o que era baseado na relação de confiança, passa a ser uma relação de exploração socioeconômica. Atentas às mudanças culturais que vêm ocorrendo em suas comunidades, lideranças de comunidades quilombolas estão buscando meios de preservar seus costumes e estão se organizando para buscar novas formas de manterem seus valores tradicionais em uma sociedade contemporânea baseada na cultura do efêmero.

2.1.2 **Autoprodução** na arquitetura rural

A autoprodução ocorre quando os próprios moradores reformam ou constroem suas moradias sem o auxílio de técnicos, como engenheiros e arquitetos (Kapp et al., 2006). Eles próprios tomam a frente do processo, decidindo sobre os espaços, comprando os materiais, coordenando os recursos e o tempo, efetuando ou não o trabalho manual de execução das obras. É uma prática de origem e tradição rurais devido ao isolamento e pobreza do mesmo.

Segundo Lemos (1976), a partir do século XX o problema da habitação se agravou, o aspecto higiênico começou a preocupar as autoridades que acabaram por criar leis para regularizar as construções populares. Apesar disso os mais pobres continuaram incapacitados de construir dentro das normas legais e dos padrões de higiene exigidos, morando em casas precariamente concebidas e construídas, primeiro porque era o meio mais barato de se morar, depois porque - morando bem ou mal – o seu desejo maior era ter um telhado para abrigar a família.

A autoconstrução, dessa maneira, se torna a principal produção de habitação popular, é através dela que a população de baixa renda encontra uma solução para o problema da habitação. Com salários baixos, a construção da moradia leva anos antes de se completar e consome boa parte das economias. Segundo Turner (1963), é desejável que o processo de habitação seja baseado em uma autonomia local e no controle direto ou indireto do morador para que se possa garantir uma escala menor, a variedade e a flexibilidade esperadas, não significando que cada família deva construir sua casa, mas que estas pessoas sejam livres para realizar o que puderem para melhorar seus lares.

Os processos construtivos populares consideram a estrutura familiar, formas de ocupação da terra, práticas produtivas e acesso à renda. Ao exigir capacidade de gerenciamento e resultando em contribuições arquitetônicas significativas para os modos de morar dos que vivem sob adversidades, tais práticas representam exercícios de autonomia e resistência dos despossuídos na qualificação dos seus espaços de vida e afirmação de desejos e capacidades (Burnett, et al., 2021).

Partindo do princípio que o objeto moradia popular é resultante desse conjunto de condicionantes e persiste à margem do do mercado e dos profissionais da área civil como solução possível para os moradores, é essencial discutir sobre a autoprodução no habitat rural.

O termo “autoconstrução” não foi utilizado pois sugere a ocupação do lugar dos técnicos por leigos, o que causa a ideia de uma ação fora das normais ou irregular e esvazia o seu significado social como práticas e exercícios em direção à autonomia. Desse modo, o termo “autoconstrução” foi substituído por “autoprodução”.

Entendemos por autoprodução o processo em que os próprios usuários tomam as decisões sobre a construção e gerem os respectivos recursos. Essa autoprodução pode estar associada à autoconstrução ou pode ser realizada apenas pelo trabalho de terceiros. No entanto, o pequeno empreendedor que constrói para venda ou aluguel, reproduzindo com alguma sistematicidade os expedientes de maximização de lucro do capital de construção ou do capital rentista, não pertence à categoria do autoprodutor porque não é usuário dos espaços que produz (Kapp et al., 2009, p.11)

Este tipo de empreitada requer algum nível de autogestão da construção ou de sua reforma, a autoprodução não engloba somente o dono da propriedade no processo construtivo, outros indivíduos como vizinhos, amigos, parentes, conhecidos e até mesmo trabalhador remunerado (contratação de peritos externos), que contribuem em maior ou menor grau seja na mão-de-obra, seja oferecendo almoço nos intervalos de descanso do trabalho, seja com uma oferta em dinheiro para contribuir, – a contribuição com capital, pode ter origem em financiamentos oficiais (empréstimos bancários, por exemplo) - sendo que o controle e gestão dela são feitas pelo morador (dono do lote, construção) (Costa, 2018). Outra maneira é por meios de acesso aos recursos destinados ao Programa Minha Casa Minha Vida Entidades (PMCMV-E) ou o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), onde os regimes construtivos adotados podem ser de mutirão assistido, autoconstrução

assistida, administração direta ou empreitada global. Uma das características do programa é a exigência de acompanhamento da obra por representantes dos beneficiários. Em teoria, é um programa que busca oferecer mais autonomia a quem se destina, pois permite o acesso direto aos recursos e contempla a possibilidade da autoconstrução (Souza, 2017).

No habitat rural, a vizinhança é composta por familiares, formando uma rede de apoio. Dividido entre a segurança alimentar e a prestação de serviços, o cotidiano das famílias é diversificado, mas no rural o tempo está sob controle do indivíduo, acatando condições de saúde e compromissos pessoais. Sem suporte tecnológico, muitas atividades demandam força de trabalho superior à da família, oportunizando práticas coletivas voluntárias e periódicas – plantio e colheita, quebra de coco, tapagem de casas e produção de carvão vegetal – retribuídas através da “troca de dia” (Conceição, 1980). No urbano, as distâncias entre moradia e local de trabalho conspiram para estreitar o tempo, com gastos físicos e financeiros consideráveis, resultando na dispersão dos membros familiares, ameaçando quebrar a solidariedade do grupo (Burnett et al., 2021).

Entendendo autonomia como o “direito de se autogovernar” e “a capacidade de dar a si mesmo suas próprias normas” (Kapp, 2003, p. 98), consideramos a autoprodução da moradia popular como um processo que envolve o poder de decisão e união familiar em um projeto coletivo da construção da moradia, onde a autonomia de grupos sociais despossuídos ganha força, assim a autoprodução significa “estratégia de resistência e exercícios de autonomia” (Burnett, et al., 2021).

2.2.2 Arquitetura em terra: procedimentos e **práticas**

A terra tem sido um dos materiais de construção mais utilizados pelo homem desde a pré-história, tanto em construções de caráter popular como em edifícios representativos e monumentos. A partir da segunda metade do século XIX, o uso habitual da terra vai cedendo inexoravelmente ao aparecimento de materiais de construção industrializados e a terra é marginalizada das grandes obras públicas e privadas, onde começa a concorrer com o gosto pelos padrões estéticos ditados pelos novos materiais. Apesar disso, principalmente nos países em desenvolvimento, a terra segue como uma das únicas alternativas de construção da

população excluída do mercado formal de habitação, geralmente moradores da periferia das cidades e da área rural. Associada a sobrevivência de sistemas construtivos primitivos, mantida pela necessidade de morar dessas populações, a terra é alvo de pesquisadores que buscam avançar a tecnologia, através do resgate e conhecimento das técnicas utilizadas no passado e do desenvolvimento de sistemas construtivos inovadores e coerentes, caracterizados pela simplicidade, eficácia e baixo custo (Neves e Faria, 2011).

Essa temática, nas últimas décadas, tem experimentado um renovado interesse por parte de algumas organizações ligadas à preservação cultural, da academia e do setor comercial, até em função da tentativa de resgatar as técnicas de construção em terra na perspectiva de formas mais sustentáveis de construção civil na contemporaneidade. São indicativos dessa tendência as novas construções em terra realizadas pelo mundo afora, o investimento dos órgãos de fomento à pesquisa, a ampliação de oportunidade de debate e interação na comunidade científica (envolvendo especialistas de várias áreas do conhecimento), como conferências, seminários, oficinas e diferentes tipos de publicações, e o aumento de materiais escritos, gráficos e audiovisuais com finalidade de divulgação disponíveis online (Cavicchioli, 2016).

Para Weimer (2005), a utilização da terra é uma possibilidade de construção em relação aos processos construtivos usados no mercado formal. De acordo com o autor, a terra é utilizada por pessoas que não possuem recursos financeiros necessários para adquirir produtos industrializados para a construção das suas casas. O emprego do uso da terra requer pouca energia e combinada com outros materiais ela tem sua resistência reforçada. Além disso, no uso da terra não são necessários elevados investimentos para produção, é barata, reaproveitada, pode ser encontrada na natureza e as próprias mãos são usadas para o trabalho. Ademais, as paredes de terra garantem conforto térmico à moradia.

Ainda conforme o IBGE (2010), o adobe e a taipa de mão são técnicas construtivas muito utilizadas no Brasil e no Maranhão, os principais materiais utilizados nas paredes externas das casas rurais maranhenses são: alvenaria sem revestimento (tijolo cerâmico, e adobe estão inclusos nesta categoria), e taipa, revestida e não revestida.

Figura 2 - Tipos de materiais das paredes externas das moradias– MA.



Fonte: Ministério da Saúde DATASUS – SIAB, 2013.

Levando em consideração essas informações, as técnicas a serem abordadas neste trabalho serão o adobe e a taipa de mão, sendo estas as mais usuais no Maranhão e que estão presentes no Território objeto de estudo. Para uma maior compreensão do sistema construtivo, serão tratadas questões mais profundas sobre a aplicabilidade dessas técnicas construtivas, suas vantagens e desvantagens, ajudando a compreensão e esclarecimento sobre o assunto.

A taipa de mão também é conhecida como taipa, taipa de sopapo, taipa de sebe, barro armado ou pau a pique. Segundo o autor Di Marco (1984), ela consiste em uma ossatura de madeira ou bambu, produzido por ripas horizontais e verticais amarradas com tiras de couro, cipó, barbante, prego, ou arame, preenchida com uma mistura de terra, água e fibras. Este conjunto, juntamente com peças portantes verticais de madeira, forma a parede da edificação. A mistura, denominada barro, é lançada com as mãos nos dois lados ao mesmo tempo, e apertada sobre a trama da parede. Após a secagem do barro, é aplicado o reboco e, posteriormente, a pintura.

Uma das razões que levaram à popularização desta técnica é a facilidade de sua construção, é uma técnica facilmente propagável e de boa assimilação por não necessitar de mão de obra qualificada, é durável, apresenta grande resistência às intempéries, possui baixo custo e sua execução é simples.

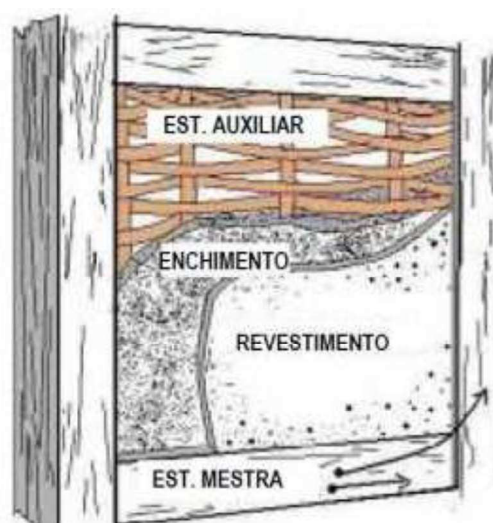
Figura 3 - Casa de taipa – Comunidade Saco das Almas – Brejo-MA.



Fonte: Latese, 2018.

O processo básico utilizado na execução da taipa consiste em, de acordo com Lopes (1998), levantar toda a estrutura das paredes, colocar o madeiramento do telhado e a cobertura e efetuar o enchimento dos vãos, sob proteção da chuva e do sol, é uma técnica com versatilidade, comprovada através de sua grande adaptabilidade às condições locais, pois em sua execução são utilizados materiais naturais da região, aproveitando-se aquilo que se tem às mãos.

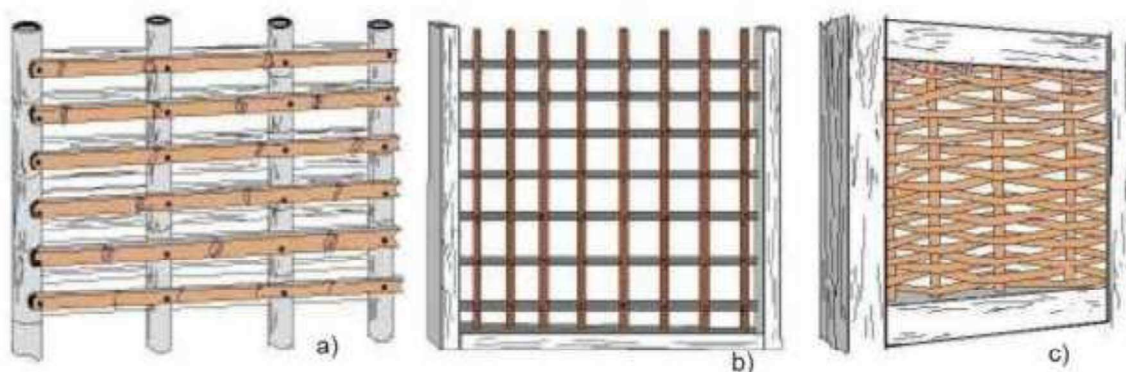
Figura 4 - Composição da técnica taipa de mão.



Fonte: (Neves e Faria, 2011).

Uma das etapas fundamentais é o entramado ou malha interna, que funciona como o suporte de sustentação do barro, geralmente, é produzido no próprio local. Comumente, consiste no uso de pedaços de madeira roliços, no sentido vertical, e de varas horizontais, fixadas em ambos os lados e amarradas com fibras vegetais, arame, tiras de couro, ou pregos, formando o desenho de um xadrez. Porém, existe a possibilidade de serem apresentadas variações de forma, material e modo produtivo.

Figura 5 - Exemplos de estrutura auxiliar: a) entramado em trama dupla, uma em cada face da estrutura; b) entramado reticular simples no meio da estrutura; c) tecida em tramas estreitas no meio da estrutura.



Fonte: PROTERRA (Neves e Faria, 2011).

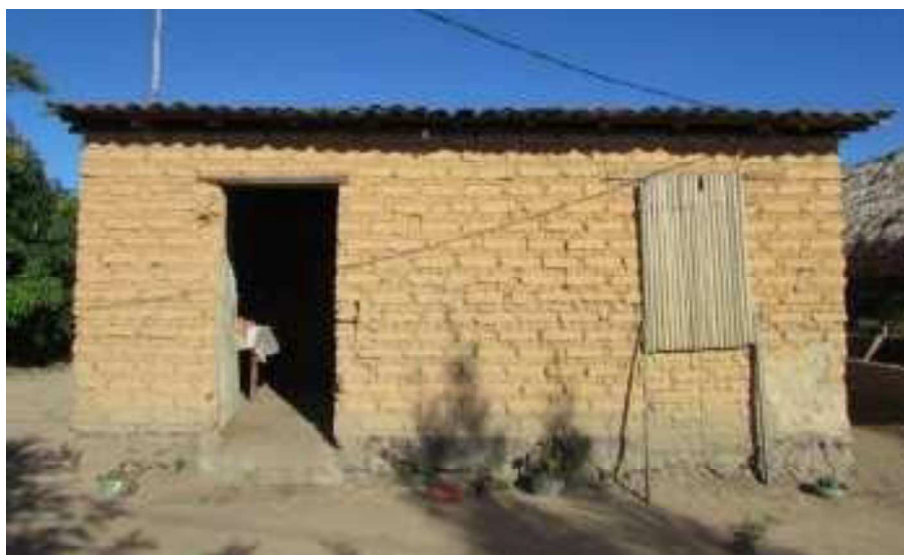
Na preparação da mistura para o barreado utiliza-se, em algumas regiões, apenas a terra com água, enquanto que, em outras, são acrescentados alguns materiais como fibras vegetais, palha, esterco de gado, cal ou cimento, entre outros, que funcionam como estabilizantes da terra, contribuindo para diminuir a retração ou aumentar a resistência. A terra do próprio local pode ser empregada sem muita restrição quanto ao seu tipo (Moniz, 2018).

Apesar da importância e a fácil aplicação desta técnica, o maior desafio para o uso das construções em terra é o preconceito enraizado que associa essa técnica construtiva como precária e um símbolo de baixo status social. Porém, existem diversos exemplos históricos construídos em taipa de mão, construídos na antiguidade, que resistem até os dias atuais, o que demonstra o seu potencial de uso e sua durabilidade. No entanto, existem exemplos atuais que comprovam eficiência, há vários exemplos de construções contemporâneas em taipa,

pertencentes a diversos países que comprovam a diversidade e o excelente desempenho desta técnica.

De acordo com Neves e Farias (2011), o adobe pertence ao grupo de técnicas construtivas das mais conhecidas, utilizadas e difundidas que trabalham com materiais naturais. O termo alvenaria de adobe inclui paredes e coberturas em abóbadas e cúpulas com blocos de terra, cujo componente básico pode ser moldado à mão, graças ao estado plástico da mistura, permitindo executar grande variedade de formas: retas e curvas, esbeltas e de muita massa. Mistura de terra devidamente selecionada, água e fibras, o adobe exige argamassa de terra - com ou sem fibras - para unir os blocos, tanto na construção das paredes como das coberturas. As técnicas variam de acordo com os costumes e as potencialidades locais.

Figura 6 - Casa de adobe – Comunidade Saco das Almas – Brejo-MA.



Fonte: Latese, 2018.

A técnica mais difundida é a que utiliza moldes de madeira para fabricação de uma ou duas unidades ao mesmo tempo, geralmente de forma retangular. O molde é preenchido com a mistura que é preparada com solos do local e água, e, em muitos casos, com a adição de agregados para controlar as fissuras, tais como vegetais, esterco e pelos de animais (Neves e Farias, 2011).

Através da obra Técnicas de Construção de Terra, publicada pela Rede Ibero-americana PROTERRA, Neves e Faria (2011) citam as vantagens sobre a técnica do adobe. Sendo elas:

- Fácil fabricação;
- Material com considerável capacidade isolante devido a sua porosidade;
- Permite a diversidade de formas e dimensões;
- É 100% reciclável;
- Não requer mão-de-obra especializada e o equipamento artesanal (molde) é muito econômico;
- A baixa resistência à tração e à flexão em relação às alvenarias executadas com BTC ou outro tipo de componente (tijolo e bloco cerâmico, bloco de concreto);
- A fabricação artesanal do componente requer esforço humano considerável e área ampla e arejada para a secagem;
- A necessidade de muita água na sua fabricação;
- A dificuldade de obter as dimensões regulares do componente;
- A qualidade do componente está condicionada à mistura e ao repouso de alguns dias da mistura para sua hidratação;
- Absorve muita água devido a sua porosidade.

Ainda de acordo com os autores para uma boa fabricação de adobe recomenda-se o uso do solo areno-argiloso com pouco silte, se a terra selecionada tem muita argila, aumenta-se o risco de aparecer fissuras no adobe ao secar, se tem demasiado teor de areia ou silte, pode faltar coesão interna adequada e desagregar facilmente, além de diminuir a resistência à compressão. Esta técnica é popularmente utilizada em países subdesenvolvidos e em regiões que possuem uma população mais pobre, a escolha desta técnica também pode ser uma questão cultural, seja pela familiarização da técnica por uma população ou pela facilidade de acesso e manipulação.

3. DA TERRA AO LAR

3.1 O **território** quilombola de Saco das Almas

Paul Little (2002) aponta que, para “analisar o território de qualquer grupo se precisa de uma abordagem histórica que trata do contexto específico em que surgiu e em que foi defendido e/ou reafirmado”. Para tanto, em situações de conflito, a ênfase emerge na identidade social e surge a necessidade de afirmar um modo de ser coletivo. Para o autor, o território é um produto histórico de processos sociais e

políticos e sua defesa se torna elemento unificador do grupo, por isso é fundamental a interpretação dos contextos em que esse território é construído. A luta por território é, portanto, uma luta cultural por autonomia e autodeterminação (Escobar, 2008).

É necessária a compreensão histórica da ocupação de Saco das Almas e do seu processo de constituição enquanto território quilombola e como este se tornou, para compreender os significados da moradia no território. Os habitantes de Saco das Almas reivindicam seus direitos territoriais como descendentes de comunidades quilombolas. A origem do quilombo está relacionada à ocupação territorial e ao legado deixado por Capitão Timóteo.

De acordo com Ayres (2002), em 1822, Timóteo teria ganhado as terras dos representantes do poder imperial por ter lutado no Rio de Janeiro pela Guerra da Independência. De lá voltando vitorioso com a campanha, sob determinação do Imperador e por meio de uma carta de sesmaria, recebeu do Prefeito de Brejo, Severino de Carvalho, a Data Saco das Almas 29 como recompensa por seus serviços prestados. Segundo Assunção (1988) apud Furtado (2014) afirmou “que Saco das Almas constitui o único caso de terras de comunidade negra obtidas mediante prestação de serviços guerreiros”.

Figura 7 - Dona Januária e seus filhos e netos, descendentes do Capitão Timóteo.



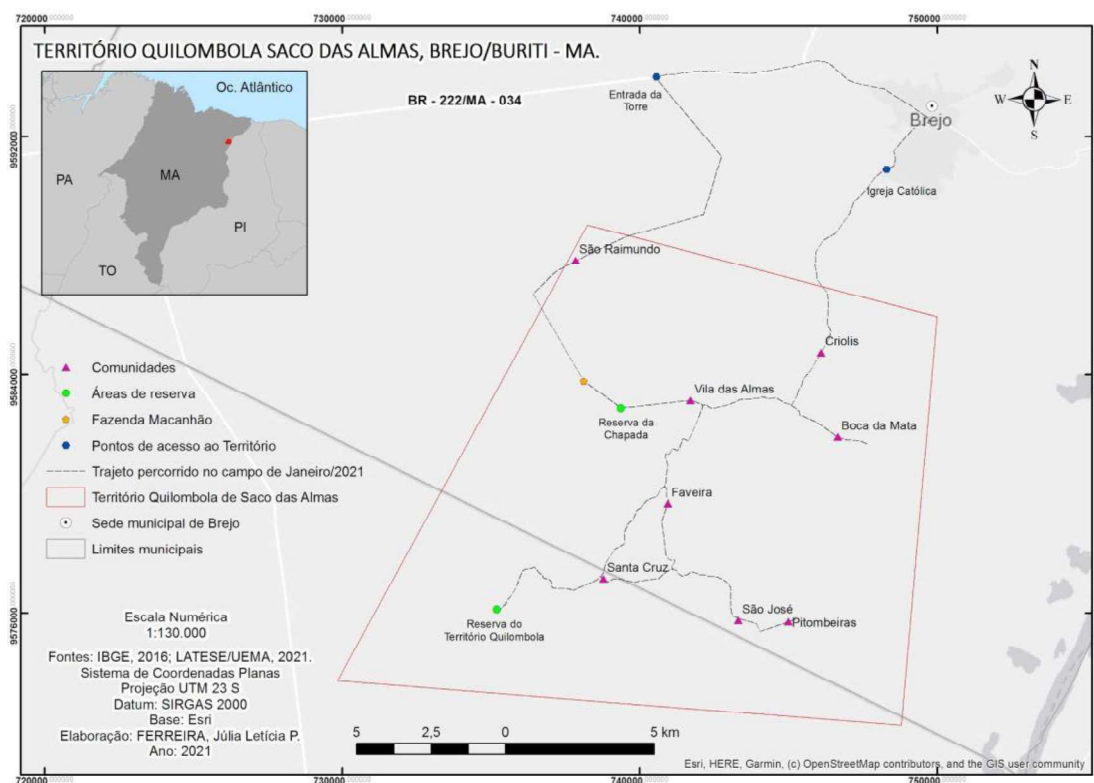
Fonte: Assunção (2008) apud Almeida (2017).

Outra versão sobre formação de Saco das Almas é apresentada por Januária, mãe do Claro Patrício, ao pesquisador Assunção (2008) que relaciona a concessão da terra ao Timóteo como recompensa pela atuação guerreira durante a Balaiada.

Ainda que haja uma inconsistência nos dados da memória oral para se refazer uma historiografia nos moldes tradicionais, ou carecerem de elementos significativos para relacionar origem e propriedade em território quilombola, a ligação ao ancestral Timóteo como o primeiro povoador do território, o qual teve três filhos homens e dos quais descendem os quilombolas de Almas, tem na representação do grupo sobre si forte apelo como elemento aglutinador de uma pertença comum (Furtado, 2014).

O Território Quilombola de Saco das Almas, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2004, é formado por sete comunidades, localizadas nos Municípios de Brejo (Vila das Almas, Faveira, São Raimundo/Boa Esperança, Criolis/Boca da Mata) e Buriti (Vila São José, Pitombeira e Santa Cruz), que possuem cerca de 23.000 hectares, onde residem 1.300 famílias e 5.200 pessoas.

Figura 8 - Mapa do Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.



Fonte: IBGE, 2016; LATESE/UEMA, 2021.

Atualmente, o território é configurado como um “assentamento emancipado”, sendo que as comunidades que dele fazem parte são localizadas espacialmente em vilas, nas quais estão concentradas as casas em lotes urbanos de um hectare por família e as áreas conhecidas como lotes de trabalho, que distribuídos em forma de condomínios não atendem à demanda de reprodução física e cultural das comunidades (Viana, 2018).

Cada vila apresenta uma peculiaridade própria, conflitos próprios e atividades extrativistas diferenciadas, tendo como elemento comum a extração do babaçu (*Orbignya speciosa*) e do bacuri (*Platonia insignis*) em época de safra e a pesca. Esta situação faz com que dentro do próprio território existam realidades diversas, sendo que estas diferenças formam legitimamente a identidade do grupo. As diferenças entre as microcomunidades – vilas, contudo, não as desqualificam como um território quilombola uno, pois, estas se identificam como apenas um grupo: o território quilombola de Saco das Almas (Viana, 2018).

De acordo com Ayres (2002), três grandes grupos compõem o território quilombola. Os dois primeiros grupos podem ser agregados na categoria abrangente pretos, subdividida em patrícios e ex-agregados. Os patrícios, são identificados como legítimos detentores da terra conquistada pela luta do ancestral fundador, Timóteo. Foram eles os primeiros a se instalarem nas terras doadas ao seu ascendente. Os ex-agregados, são os “novos” pretos que chegaram a Saco das Almas em diversos momentos históricos. Ex-agregados é uma referência feita pelos pretos mais antigos, os patrícios, ao fato de que esses novos pretos vindos de diferentes lugares em busca de trabalho nas fazendas das famílias de proprietários, por exemplo, dos estados do Piauí e Ceará, se instalaram permanentemente nas terras de Saco das Almas. E, por fim, o terceiro grupo é composto pelos brancos, grandes fazendeiros, usurpadores da terra, muitos deles, são também denominados pelos quilombolas entrevistados como grileiros, que se opuseram diretamente ao território quilombola e passaram a agir de modo a desapropriar e combater de forma violenta os quilombolas. A diversidade de territorialidades encontradas em Saco das Almas vai gerar inúmeros conflitos por terra.

Aos conflitos internos sofridos pelo Território de Saco das Almas, se somaram ameaças externas oportunizadas por programas de integração regional, implementados mais fortemente a partir de 1970. No Maranhão, o processo de inserção do grande Capital no meio rural promoveu transformações na estrutura

fundiária do espaço agrário, ganhando força e institucionalidade a partir da promulgação da “Lei de Terras do Maranhão” que, apoiada em financiamentos estatais, incentivou a concentração de terras em mãos de grandes empresas.

Relatos dos moradores informam os impactos para o cotidiano das comunidades advindos com o agronegócio, desde as mudanças na criação de animais de médio e grande porte, impossibilitando de criar de animais como o porco, além do extrativismo animal e vegetal, atividades imprescindíveis enquanto fonte de alimento para esse grupo (Almeida, 2017). Os avanços dos interesses capitalistas sobre os territórios tradicionalmente ocupados levaram à mobilização das comunidades em busca da permanência histórica, pela reprodução da memória, da espiritualidade, dos saberes, constituindo-se em caminhos autônomos e de resistência desses sujeitos.

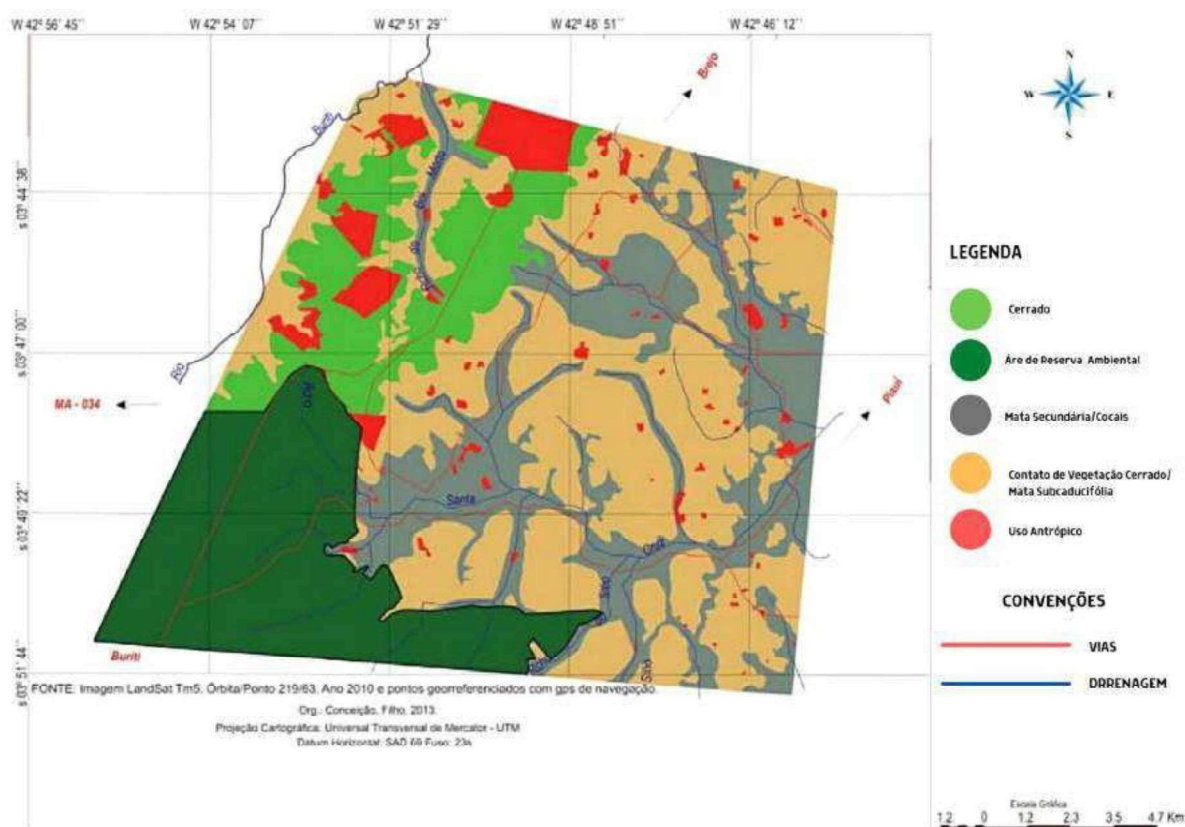
Sobre a atual organização, de acordo com relatos dos autores Viana e Benjumea (2017) cada comunidade integrante do território de Saco das Almas possui uma associação de moradores, que é encarregada das atividades voltadas para projetos dentro da comunidade. Existe ainda outra associação que representa as demais de forma conjunta, a Associação de Vila das Almas, ainda de acordo com os autores, essa forma de organização representa o território como um todo, pois, embora haja especificidades, os quilombolas entendem a terra como um bem coletivo.

Os moradores possuem seu próprio modelo de autogestão das reservas de recursos naturais disponíveis no território de modo coletivo utilizando seus valores culturais e práticas tradicionais para garantir o desenvolvimento sustentável das comunidades e resistir ao avanço predatório do agronegócio monocultor. Além das formas cotidianas de resistência (Scott, 2002) acionadas pelos camponeses no processo de luta pela permanência na terra frente à expansão do agronegócio da soja no município de Brejo, destaca-se ainda a forte atuação na região de importantes organizações que apoiam esses grupos na busca de seus direitos territoriais, como a Sociedade Maranhense dos Direitos Humanos (SMDH), o Centro de Cultura Negra (CCN), A Comissão Pastoral da Terra (CPT), entre outros.

3.2 Gestão dos recursos naturais no território

O Território Quilombola de Saco das Almas está inserido na Mesorregião Leste Maranhense e na Microrregião de Chapadinha-MA, por isso este é coberto vegetalmente por Cerrado, Mata Secundária e Mata Subcaducifólia. Como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 9 - Mapa de Uso e Cobertura Vegetal.



Fonte: Furtado, 2013.

Segundo Furtado (2013), da perspectiva ambiental o território se encontra ambientalmente preservado, visto que há presença de muitos topos de morros, algo que dificulta a atividade agrícola em grande parte do território, algo que acaba direcionando-a para as suas encostas. Porém, existem recursos específicos utilizados na construção de edificações, baseado no seu fator de resistência de cargas e fator etnobotânico, sendo assim, iremos analisar as características construtivas e uso dos recursos naturais utilizados na produção de edificações no Território Quilombola de Saco das Almas.

De acordo com o Decreto Federal nº 6.040/2007, uso e a ocupação dos territórios quilombolas ou terras de quilombo e dos recursos naturais é a condição básica para a reprodução cultural, social e econômica dos povos quilombolas. Os valores culturais são a base para a formação de uma identidade coletiva sobre o território, a qual é fator crucial pela opção de se adotar um modelo particular de desenvolvimento firmado nas especificidades e complexidades culturais dos sujeitos/atores sociais locais (Leff, 2017).

O Decreto Federal nº 6.040/2007 discorre, também, sobre a organização social dentro de áreas protegidas como as comunidades e territórios quilombolas, o uso e manejo dos recursos naturais, o monitoramento permanente da disponibilidade destes recursos, as novas alternativas de manejo, o diálogo contínuo com a comunidade, a compreensão da problemática ambiental dentro de um contexto socioeconômico, histórico e cultural que podem proporcionar à comunidade local, desenvolvimento de forma sustentável garantindo qualidade de vida e o exercício da cidadania.

Em Saco das Almas, cada uma das comunidades possui um código de regras para o uso coletivo dos recursos naturais. Qualquer atividade de extração deverá ser previamente informada para obter permissão de um representante da comunidade. Após a permissão, é validada a atividade de extração e permitido o uso para fim próprio. As relações estratégicas que estas comunidades mantêm com o meio natural provém da relação entre a sociedade e a natureza firmada com apossamento coletivo do território e uso e manejo dos recursos naturais como condição para a sobrevivência grupal (Castro, 2006).

A investigação sobre os recursos naturais utilizados na autoprodução de moradias de Saco das Almas ocorreu na comunidade de São Raimundo e teve a orientação do Manoel Texeira, morador da comunidade, que apresentou os recursos naturais presentes no território, características, técnicas e usos. Conforme relatado por Manoel Texeira, a atividade da extração tem caráter masculino, executada preferencialmente por homens na fase adulta, com 25 (vinte e cinco) anos ou mais, pois anterior a essa idade o homem tem como prioridade os estudos. No entanto, se disponível e capacitado, os jovens podem auxiliar a família em algumas atividades no processo da extração.

Após a decisão para construir a casa, a autorização para a retirada dos materiais e a mobilização da força de trabalho necessário, Manoel Texeira explica

que o tempo que leva para a retirada dos materiais como por exemplo 600 palhas leva em torno de 7 (sete) a 12 (doze) horas, sendo necessário 6 homens para realizar o trabalho extração que costuma durar 2 (dois) dias. No que se refere à doação de materiais, em São Raimundo é um caso raro, e mesmo que, por exemplo, use na construção janelas e portas de segunda mão, aquele item foi comprado e não doado. Quando perguntado se é possível construir uma casa apenas com recursos locais, Manoel Texeira afirma que sim e em casos especiais quando a família deseja utilizar materiais como telha e tijolo cerâmico é feita a compra na cidade de Brejo.

Uma parte importante para a construção de uma nova, além da utilização das técnicas corretas é o uso de ferramentas que facilitem a extração, sendo elas: patacho, foice, facão, machado, cavador, articulado, enxada, pá, motosserra e o couteu. Porém de acordo com Costa (2021) o uso da motosserra se dá excepcionalmente quando for necessário algum corte de uma árvore de grande porte para a construção de uma casa ou de algum edifício, sendo este um dos poucos profissionais contratados durante o processo de autoconstrução, pois nem todos dominam a técnica correta e nem detém desta serra mecânica portátil.

Figura 10 - Machado.



Fonte: Latese, 2021.

Figura 11 - Patacho.



Fonte: Latese, 2021.

Figura 12 - Detalhe curvilíneo em ferro do couteu.



Fonte: Latese, 2021.

A apropriação dos recursos naturais nas terras do quilombo é feita com base em um modelo agro-extrativista de exploração dos recursos disponíveis no território sob seus domínios, típico de povos e comunidades tradicionais. As atividades produtivas em Saco das Almas estão voltadas para a garantia do alimento diário dos habitantes locais, isto é, para a subsistência. Uma parte ínfima dessa produção é comercializada nas cidades próximas. As roças de mandioca, milho e arroz; a coleta de frutos, de sementes e de plantas medicinais e ornamentais; a caça e a pesca fazem parte do cotidiano da população local.

3.2.2 Uso de recursos naturais na **construção**

Nos quilombos, a produção construtiva se adapta aos recursos disponíveis, suas moradias tem como matéria prima os recursos naturais encontrados na natureza, que expressa que os saberes seculares estão ligados ao padrão arquitetônico das casas. Nesse sentido, os recursos naturais são definidos por Ferreira (1999) como elementos da natureza que são úteis ao ser humano para cultivo, para a vida em sociedade, no processo de desenvolvimento da civilização,

ou para sobrevivência e conforto da sociedade em geral. A apropriação dos recursos se dá por meio do conhecimento coletivo e socialmente construído, gerado e transmitido pela tradição (Brasil, 2007), denominado de conhecimento tradicional.

Figura 13 - Casas na Comunidade de São Raimundo no Território Quilombola de Saco das Almas.



Fonte: Latese, 2021.

A paisagem de Saco das Almas revela a predominância de moradias autoproduzidas com tijolos de adobe e taipa, com cobertura de telhas de barro ou palha e cercas de madeira. De acordo com Manoel Texeira, a escolha do material é orientada pela qualidade da matéria prima e a diversidade de recursos disponíveis que o território oferece para uso próprio dos moradores.

De acordo com Manoel Texeira, todo o seu conhecimento sobre técnicas construtivas e extração dos materiais foi adquirido por experiências obtidas ao longo da sua vida e se dispõe a ensinar essa sabedoria popular a todos que se proponham a aprender. O que comprova que além da habilidade de produzir sua própria moradia, possui o poder de transmitir esse conhecimento para as próximas gerações. O que corrobora a afirmação de Crouch e Johnson (2001, p. 25) que grande parte da população mundial, aproximadamente a metade, sabe como construir habitações e passar seu conhecimento para gerações futuras. Segundo os autores, em se tratando de culturas tradicionais, mesmo que elas tenham o domínio

da escrita, o meio mais comum de se passar o conhecimento entre as gerações é através da conversa e da prática demonstrativa.

Figura 14 - Casa em São Raimundo - Território Quilombola Saco das Almas.



Fonte: Latese, 2021.

O quadro etnobotânico organizado por Campos (2021) com informações disponibilizadas por Manoel Texeira, permite a identificação dos principais recursos naturais utilizados pelos moradores do território e seus usos.

Tabela 1 - Quadro de Recursos Naturais encontrados e informados na Comunidade São Raimundo - Território Quilombola Saco das Almas, Maranhão.

IDENTIFICAÇÃO DO RECURSO NATURAL	USO CONSTRUTIVO NO TERRITÓRIO
Madeira de Bacurizeiro	Estrutural
Madeira de Faveira	Estrutural
Madeira de Aroeira	Estrutural
Pau D' arco	Estrutural
Madeira de Cedro	Estrutural
Madeira de Jatobá	Estrutural
Madeira de Ata	Suporte de coberturas
Madeira de Candeia	Suporte de coberturas e execução de

	cercas
Pau Pombo	Todas as etapas construtivas
Cipó Verdadeiro (ou popularmente conhecido no Território como Cipó Morão de Curral)	Amarração
Cipó de Escada	Amarração
Imbiras do Buritizeiro	Amarração
Palha de Buriti	Cobertura

Fonte: Costa (2021)

Dentre os materiais apresentados, existem especificidades para o seu uso construtivos e técnicas que potencializam sua aplicação, como cita Costa (2021):

- A Madeira do Bacurizeiro, só pode ser usada quando a árvore já estiver morta.
- A Madeira da Faveira só exerce cunho construtivo, quando a mesma apresenta uma linearidade em seus troncos e galhos.
- O Cipó Verdadeiro quando torcido se torna mais resistente para amarração.

Figura 15 - Senhor Manoel Texeira torcendo o Cipó Verdadeiro.



Fonte: Latese (2021).

- O Cipó de Escada para melhor aproveitamento nas amarrações é necessário desmembrá-lo, isto facilita tanto o manuseio, quanto melhora a resistência das amarrações.

Figura 16 - Cipó de Escada.



Fonte: Latese (2021).

- As palhas do buriti devem secar por um período de 8 (oito) dias para estarem aptas para a cobertura.
- A Imbira, fibra vegetal que se emprega como corda, do Buritizeiro é retirada do olho do Buritizeiro.
- Por fim, toda e qualquer madeira deve ser tirada no tempo correto, ou como os moradores nos informaram, devem respeitar a fase da lua¹ para apresentar melhor desempenho construtivo.

De acordo com Arruda (2007), o camponês tradicional, ao produzir o mínimo habitável, utiliza-se dos recursos disponíveis na natureza, terra, madeira e palha. Dessa forma, a partir de um conhecimento preciso das características da matéria, como sua resistência e limites naturais, concebe o seu modo de morar. Todos os materiais têm proporções racionais que são ditadas pela força e fraqueza inerentes à sua matéria. As características naturais da matéria, nesse caso, ditam o resultado da forma. Em Saco das Almas, o foco da extração de recursos naturais é a obtenção do mínimo, de modo que a extração é feita sobre regras coletivas que garantem a preservação dos recursos e a reprodução social dos seus habitantes.

¹ As madeiras só podem ser tiradas três (3) dias antes ou três (3) dias após a Lua Cheia, quando não tirada no período correto, a madeira sofre deterioração mais rápido segundo os moradores e acaba se “transformando em pó”, devido a traça.

3.3 Técnicas construtivas e materiais

A produção em quilombos se adapta aos recursos disponíveis, suas moradias tem como matéria prima os recursos encontrados na natureza, isso expressa que os saberes seculares estão ligados ao padrão arquitetônico das casas. Nas comunidades que integram o território de Saco das Almas é possível observar a predominância do uso da técnica construtiva dos blocos de adobe, o que é provado na Tabela 2 que ilustra o percentual de materiais utilizados no Leste Maranhense de acordo com os dados estatísticos do Sistema de Informações de Atenção Básica - SIAB, do Ministério da Saúde.

Tabela 2 - Leste Maranhense: percentuais do material das moradias e a estimativa em tijolo (cerâmico, maciço, e adobe).

Material das moradias	Porcentagem
Taipa de mão sem revestimento	19,69%
Taipa de mão com revestimento	12,56%
Madeira	0,20%
Material impróprio	0,25%
Pedra, concreto, e outros	0,67%
Tijolo (cerâmico, maciços e adobe)	66,63%

Fonte: SIAB, 2013/ Latese, 2019.

De acordo com Moniz Filho (2018), as moradias foram inicialmente feitas a partir da técnica de taipa de mão e posteriormente foram feitas utilizando o bloco de adobe coberto com palha, material este extraído dos arredores do lote ou na própria região, sendo observado também que nas duas aplicações, tanto na taipa de mão quanto no adobe, as moradias assumem uma forma predominantemente retangular.

Figura 17 - Casa de adobe – Comunidade São Raimundo – Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 18 - Senhor Manoel Teixeira, habitante da Comunidade de São Raimundo, moldando tijolos de adobe.



Fonte: Autora, 2021.

Graças às suas qualidades construtivas, como estabilidade, conforto térmico e durabilidade, o adobe está em processo de normatização pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT e o cálculo do déficit habitacional no Brasil não inclui moradias assim construídas no componente de precariedade. Entretanto,

sendo de terra crua, prevalecem os riscos já apontados na taipa de mão: desagregação do material pelas características naturais dos componentes ou em função do contato com líquidos. (Burnett, 2020)

O material para confecção dos blocos de adobe é retirado do barreiro, nome dado à escavação no próprio lote em que será construída a moradia ou em local próximo. Adiciona-se água à terra para dar consistência na mistura e modelação do material. O barro mole é aplicado em um molde de madeira sem fundo, com formato de paralelepípedo, retirando-se o excesso com uma ripa. As peças são levadas da área de confecção para secar ao sol. Em geral, nos locais pesquisados, o tempo estimado para secagem dos tijolos é de 5 dias; após esse período, as peças são assentadas como tijolos de alvenaria. O barro mole do barreiro é utilizado como argamassa de assentamento. (Burnett, et al, 2021)

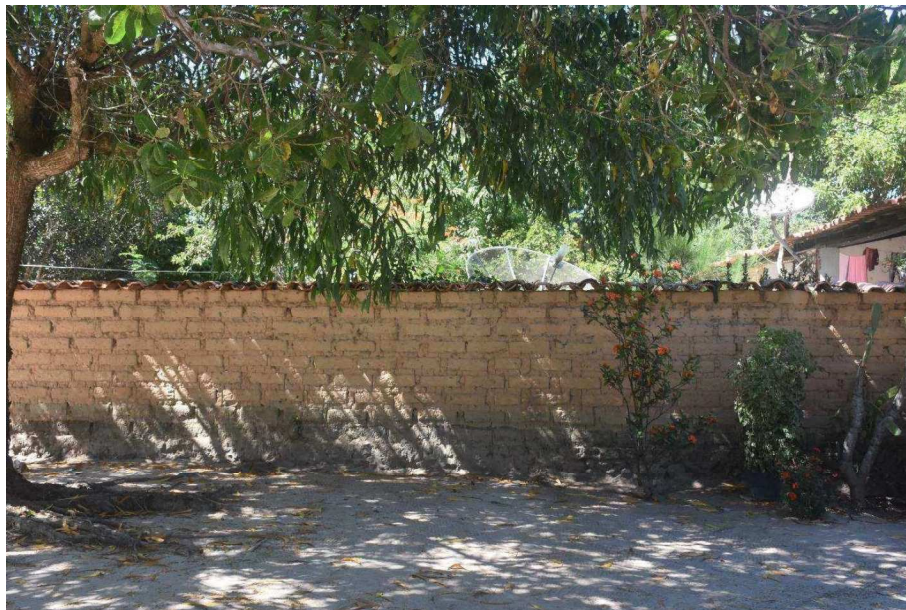
Figura 19 - Detalhe da Moradia de Adobe no Território Quilombola de Saco das Almas, Brejo - Maranhão.



Fonte: Latese, 2020.

O uso do adobe não é restrito à construção de moradias, mas também aos equipamentos públicos, como é o caso da primeira escola da comunidade de São Raimundo, assim casas de farinha de uso privado, anexos, apêndices das residências para armazenamento, cercas, fornos à lenha, entre outros.

Figura 20 - Muro em adobe na comunidade de São Raimundo/Boa Esperança, território quilombola de Saco das Almas, 2021.



Fonte: Latese, 2021.

De acordo com Manoel Texeira, o adobe é produzido na própria comunidade pela população, porém quando existe uma maior preocupação com a qualidade final da construção com adobe, um pedreiro é contratado para a produção dos tijolos de adobe e o levantamento das paredes da casa.

Em casos de demolição das construções em adobe é possível reaproveitar os blocos, devido à facilidade em desprender a argamassa das juntas que permite a possibilidade quase integral dos componentes das paredes, os blocos reaproveitados podem ser utilizados na construção de novas casas, anexos e equipamentos, uma prova do seu potencial sustentável. Outra vantagem é a sua compatibilidade com o tijolo cerâmico industrial (mais acessível economicamente e leve), no território é observado a mistura entre esses dois materiais nas ampliações e complementações de altura das moradias de adobe.

Figura 21 - Casa construída em tijolo cerâmico e ampliação com técnica taipa de mão— Comunidade São Raimundo – Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.



Fonte: Latese, 2021.

O menor número de casas de taipa em relação ao adobe, é explicado pelo avanço dos programas de interesse social no início dos anos 2000, assim como surgimento das primeiras propostas para o tratamento da questão da habitação de interesse social no Brasil, conduzidas por especialistas e lideranças sociais, na primeira gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Teve destaque o Projeto Moradia, divulgado em 2000 pelo Instituto Cidadania, e que buscava em suas diretrizes a criação do Ministério das Cidades – uma instituição federal voltada prioritariamente às políticas urbanas. Assim como o incremento de benefícios como o bolsa família, bolsa escola, entre outros.

Figura 22 - Casa de taipa – Comunidade Vila das Almas – Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA



Fonte: Latese, 2021.

A taipa de mão também é conhecida como taipa, taipa de sopapo, taipa de sebe, barro armado ou pau a pique. Segundo o autor Di Marco (1984), ela consiste em uma ossatura de madeira ou bambu, produzido por ripas horizontais e verticais amarradas com tiras de couro, cipó, barbante, prego, ou arame, preenchida com uma mistura de terra, água e fibras. Este conjunto, juntamente com peças portantes verticais de madeira, forma a parede da edificação. A mistura, denominada barro, é lançada com as mãos nos dois lados ao mesmo tempo, e apertada sobre a trama da parede. Após a secagem do barro, é aplicado o reboco e, posteriormente, a pintura.

A independência entre as paredes externas e internas da casa de taipa é explorada pelos moradores, os quais, muitas vezes, ocupam a moradia sem divisões internas, aguardando o melhor momento para concluir a obra. Além da taipa de mão, o madeirame interno pode servir para fechar sala, quarto e cozinha com folhas de palha de palmeira, como do babaçu. Uma pessoa deixa as folhas bem abertas e, no outro dia, outras pessoas da família ou da vizinhança ajudam na amarração, ocasião em que uma carreira de talos é colocada de modo intercalado (uma por dentro, outra por fora), formando um painel, até chegar ao chão. Nesse ponto, passa-se uma vara e os restos de palha são amarrados nessa terminação. As sobras são retiradas com facão. Dessa forma, não ficam fiapos e a estrutura se assenta firmemente (Conceição, 1980).

O problema comum se dá na irregularidade da superfície das paredes, devido à terra ser muito úmida e por possuir maior proporção de argila do que de areia. A argila fica “inchada” com a umidade e, após a secagem, se contrai e provoca rachaduras nas paredes (Silva, 2000), propiciando um abrigo para a proliferação de insetos vetores da Doença de Chagas. Esses insetos se instalam nas frestas deixadas pela retração da massa. A aplicação das outras camadas de revestimento com elementos estabilizadores confere maior resistência às paredes e tapam as fissuras, evitando que as rachaduras apareçam (Burnett, 2020).

Em linhas gerais, os principais agentes de degradação das construções com terra crua são a erosão – basicamente originada pela ação da chuva, ventos, seres vivos e cristalização de sais; a absorção que resulta da presença de água em contato com os elementos da construção e ação da chuva; a condensação originada pela existência de vapor de água em excesso e ocorrência de situações propícias para que esse vapor seja condensado na superfície, ou no interior dos elementos; e as ações dinâmicas e estáticas, que são essencialmente estruturais (Rocha, 2015).

A técnica da taipa também é usada para construção de anexos da residência, como é o exemplo da casa de Francisco, mais conhecido como Chico do Zé Pedro, morador da comunidade de Boca da Mata, onde o seu pai, antes de falecer, tinha o desejo de construir um anexo em taipa de mão, contrariando seus filhos que queriam construir em adobe, porém o desejo do patriarca foi respeitado. Durante a entrevista, Francisco relatou que o cimento está sendo adicionado à massa da taipa de mão para garantir maior firmeza na construção, já que as paredes da casa tem tendência a trincar devido às altas temperaturas do solo.

Figura 23 - Vista externa do anexo da casa dos pais do Francisco, Boca da Mata, Saco das Almas.



Fonte: Latese, 2021.

Ainda segundo Francisco, quando alguém decide construir sua casa, é comum a família participar, mas também há presença de amigos, conhecidos, e são poucas as vezes que há pagamento por participação dos mutirão. Todo o processo construtivo é feito a partir de observações da natureza, como, por exemplo, a lua, que dita quando pode haver a retirada da matéria prima.

Ainda segundo Francisco, na comunidade de Boca da Mata é comum que a família participe na construção da casa, assim como amigos que moram na comunidade, em um regime de construção intitulado de mutirão. Segundo Maricato (1982), o mutirão, sistema construtivo pautado no trabalho coletivo, se apresenta no meio rural como uma tradição que frequentemente implica em festas com danças e bebidas, num acontecimento que comemora o fim do dia, ou do processo de trabalho, sendo esta tradição vindo gradativamente extinguir-se neste meio. Neste contexto, ressalta-se um aspecto importante relativo ao processo dos mutirões, o fato deste método possibilitar um maior contato do morador com a sua habitação futura. Para Maricato (1982), tal proximidade, executada em conjunto com a comunidade, permite ao morador uma visão completa do processo de construção, integrando-o a ele.

Porém, de acordo com Manoel Texeira, é comum a contratação de mão de obra para a construção de moradia na comunidade de São Raimundo, diferente da comunidade de Boca da Mata, onde predomina o mutirão familiar. Essa contratação participa de todo o levantamento da casa, desde a base até o telhado. É comum

também que haja compra de materiais extraídos de dentro do território. os moradores que construíram suas casas com contratação de mão-de-obra junto ao pai da família, pagaram por esse serviço a partir de economias que advinham de benefícios e venda da produção familiar.

Na comunidade existem exemplares de moradias de tijolo cerâmico construídas devido ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e, de acordo com Burnett (2020), a existência no meio rural de empreiteiros – pedreiros com equipe que recebem encomenda para construção de moradias de tijolos cerâmicos – circulando entre vários povoados e com preços definidos, conforme o número de ambientes ou dimensões da moradia, é um indicativo da disseminação do sistema construtivo, que depende de disponibilidade de recursos da aposentadoria, de benefícios de prestação continuada ou periódica. A compra do tijolo cerâmico implica uma transação comercial diferente dos demais, inclusive da madeira, que tem possibilidade de extração direta, e do tijolo maciço, possível de ser autoproduzido ou adquirido por escambo. Assim como a telha cerâmica, o tijolo industrial implica posse de recursos financeiros e, por isso, é comum encontrar esses materiais estocados em moradias de taipa de mão, comprovando a sequência muitas vezes demorada para efetivar as obras.

Conversando com moradores, foi comentado como os jovens evitam construir suas casas em adobe. “O pedreiro que levantou essa casa de adobe tá baqueado”, foi uma das frases ditas durante a conversa. Uma das suas desvantagens é em relação ao peso pois apenas um tijolo de adobe pode pesar por volta de 5 quilos e, segundo o líder comunitário Clidenor, há uma certa valorização em casas construídas em alvenaria de tijolo cerâmico. Outro aspecto trazido por Oliver (1990), é que desvalorização do conhecimento tradicional acontece a partir da chegada da modernidade e a introdução de materiais e técnicas não vernáculas em um contexto tradicional.

Figura 24 - Casa construída com tijolo adobe e varanda em tijolo cerâmico – Comunidade São Raimundo – Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.



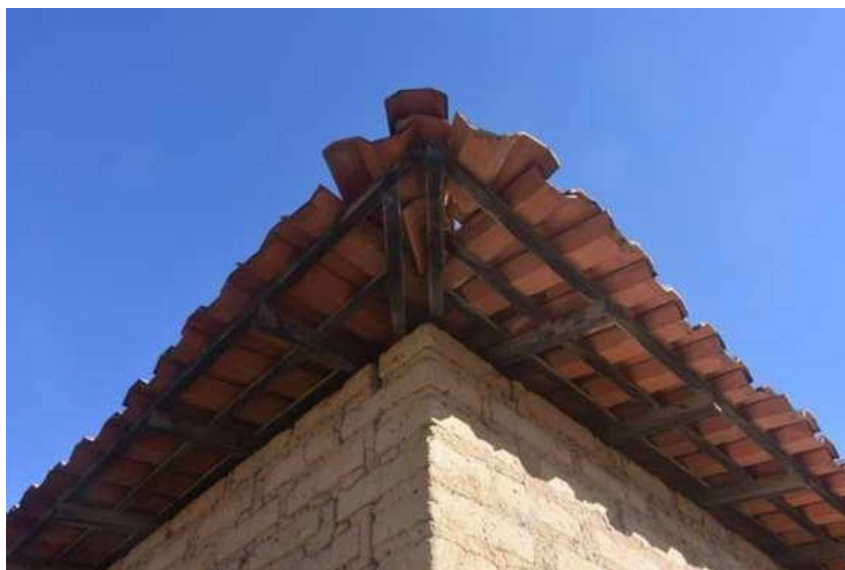
Fonte: LATESE, 2021.

A taipa de mão e o adobe se caracterizam pela forma empírica em que são executadas, principalmente a partir de práticas tradicionais ancestrais, transmitidas entre gerações. De acordo com Neves e Faria (2011) a terra segue como uma das únicas alternativas de construção da população excluída do mercado formal de habitação, geralmente moradores da periferia das cidades e da área rural. Associada a sobrevivência de sistemas construtivos primitivos, mantida pela necessidade de morar dessas populações, a terra é alvo de pesquisadores que buscam avançar a tecnologia, através do resgate e conhecimento das técnicas utilizadas no passado e do desenvolvimento de sistemas construtivos inovadores e coerentes, caracterizados pela simplicidade, eficácia e baixo custo.

3.3.1 Coberturas, revestimentos e esquadrias

As coberturas observadas consistem em dois tipos, a de palha, e a de telha cerâmica, no caso da utilização da palha foi notado um uso de madeiramento regional ou até mesmo do próprio lote devido a facilidade e domínio da técnica, já a cobertura de telha cerâmica possui uma execução de trabalho mais comercial utilizando o amadeirado padrão desse tipo de cobertura.

Figura 25 - Cobertura de telha cerâmica – Território Saco das Almas, Brejo/MA



Fonte: LATESE, 2021.

Figura 26 - Cobertura de Palha – Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: LATESE, 2021.

Sobre a quantidade de caimentos da cobertura é feita de acordo com o número de anexos da construção ou do planejamento feito na etapa de concepção do projeto em relação ao quantitativo de ambientes da moradia, dessa maneira quando há uma necessidade de ampliação é possível que a configuração da cobertura permaneça ou se altere.

As esquadrias encontradas são predominantemente construídas de madeira, de acordo com a técnica aplicada às suas características podem sofrer variações, sendo elas feitas com o madeiramento ou madeira aparelhada e dobradiças. Contudo, é possível encontrar o uso de janelas e portas de folhas de madeira e ferragens, em geral artesanais, compradas ou encomendadas em carpintarias locais, com vãos em pequenas dimensões, não excedendo 1m de largura, devido ao custo financeiro e às soluções estruturais exigidas. Nos ambientes internos é comum observar o uso de cortinas para separação dos ambientes, priorizando o uso das portas para o exterior da moradia.

Figura 27 - Janela de madeira - Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 28 - Cortina separando os ambientes - Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: Autora, 2021.

Sobre os revestimentos das casas é possível observar uma maior preocupação com a fachada principal, muitas vezes sendo a única parte da construção revestida. Para contornar a dificuldade em executar o reboco dos ambientes internos, é comum que os moradores utilizem outras maneiras de conseguir um acabamento interno de suas casas, principalmente naquelas de taipa de mão. Grandes panos de tecidos – lisos ou estampados – são comumente encontrados dependurados nas paredes de salas e quartos, em uma releitura do “papel de parede”. A preocupação com o acabamento das paredes internas se estende preferencialmente às cozinhas, quase sempre na área sobre a bancada ou fogão a gás, onde os mais diferentes materiais são utilizados para evitar o contato direto das panelas com o barro, seja de taipa de mão ou de adobe (Burnett, 2020).

De acordo com Burnett (2020) existe o predomínio dos pisos de terra batida, um procedimento que exige o uso do marretão, peça de madeira maciça e pesada fixada a um cabo também de madeira, com o qual o barro é socado até alcançar estado de dureza e superfície plana. Ocasionalmente, assim como são encontradas moradias de taipa de mão revestidas, há casas que recebem um piso de cimento queimado, mistura de pó de cimento com querosene, espalhado sobre a base de barro apilado.

De acordo com Burnett (2020) existe o predomínio dos pisos de terra batida, um procedimento que exige o uso do marretão, peça de madeira maciça e pesada fixada a um cabo também de madeira, com o qual o barro é socado até alcançar estado de dureza e superfície plana. Ocasionalmente, assim como são encontradas moradias de taipa de mão revestidas, há casas que recebem um piso de cimento queimado, mistura de pó de cimento com querosene, espalhado sobre a base de barro apilado.

3.4 A moradia em Saco das Almas

Para além do piso, paredes e teto, a moradia ilustra as necessidades indispensáveis humanas, tornando-se a materialização do modo de vida e produção da família. Isso influencia na sua tipologia, forma como é produzida, materiais, usos e relações sociais estabelecidas nesse espaço. Nesse sentido, as casas do quilombo de saco das almas são um símbolo da sua sabedoria secular, identidade e cultura.

Nesse sentido, os espaços de moradia rurais são dotados de valor de uso, Arruda (2007) diz que a terra vale porque é o chão da morada, e o lugar de onde se tira sustento; mas também é dela que são retirados os produtos da subsistência e da produção da própria moradia, é importante levar em consideração as relações que são estabelecidas no entorno da casa, a relação do interior e do exterior da mesma, além da relação com a lavoura e as trocas entre o homem e a terra.

Na comunidade São Raimundo foi possível visitar e registrar alguns exemplos de moradias populares produzidas no território, coletando informações sobre o regime de produção, materiais utilizados, forma de aquisição do material, atividade produtiva dos proprietários, singularidades construtivas e anexos, ilustrados a seguir:

Tabela 3 - Informações da casa Maria José.

Figura 29 - Fachada da casa da Maria José.

Nome	Maria José Pereira Santos
Área	23m ²
Ano	Desde sempre
Grupo Social	Remanescente quilombola
Regime de Produção	Familiar e contratação de mão de obra
Paredes Internas	Adobe
Paredes Externas	Adobe
Fundação	Pedra, adobe tijão
Piso	Cimentado
Cobertura	Telha cerâmico com madeiramento
Aquisição do Material	Extraído do entorno, comprado
Atividade Produtiva	Roça, pesca, produção de farinha
Singularidade construtiva	Varanda, rebocada, banheiro interno com revestimento cerâmico
Anexos	Depósito, fogão à lenha, roças de arroz, feijão e mandioca e galinheiro

Fonte: Autora, 2021.

Tabela 4 - Informações da casa de Clidenor.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 30 - Forno à lenha.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 31 - Fachada da casa de Clidenor.

Nome	Clidenor da Conceição
Área	77m ²
Ano	30 anos
Grupo Social	Remanescente quilombola
Regime de Produção	Familiar e contratação de mão de obra
Paredes Internas	Tijolo cerâmico
Paredes Externas	Tijolo cerâmico
Fundação	Pedra e tijolo
Piso	Cerâmico
Cobertura	Telha cerâmico com madeiramento
Aquisição do Material	Extraído do entorno, comprado
Atividade Produtiva	-
Singularidade construtiva	A casa está localizada ao lado da sua antiga casa que foi abandonada por conta das rachaduras nas paredes construídas em adobe
Anexos	Depósito, sentina, casa de banho, roça, casa de farinha própria e casa de forno

Fonte: Autora, 2021.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 32 - Lateral da Casa de Clidenor com a antiga casa em adobe.



Fonte: Autora, 2021.

Tabela 5 - Informações da casa Manuel.

Figura 33 - Fachada da casa de Manuel.

Nome	Manuel Antônio Texeira dos Santos
Área	72m ²
Ano	28 anos
Grupo Social	Remanescente quilombola
Regime de Produção	Familiar
Paredes Internas	Adobe
Paredes Externas	Adobe
Fundação	Pedra e adobe tição
Piso	Cerâmico
Cobertura	Telha cerâmico com madeiramento
Aquisição do Material	Extraído do entorno, comprado
Atividade Produtiva	Roça, pesca, produção de farinha, criação de porcos e gado
Singularidade construtiva	Casa de farinha utilizada por outros membros da comunidade, paredes internas rebocadas
Anexos	Depósito, sentina, paiol, casa de banho em cimento, casa de farinha própria

Fonte: Autora, 2021.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 34 - Casa de farinha.



Fonte: Autora, 2021.

A análise das plantas baixas encontradas em Saco das Almas permite identificar que há uma forma-base ou esquema comum que é definido pelos ambientes sala, quartos, cozinha e “meia-água”. As variações dessa forma-base são percebidas apenas quanto ao número de quartos.

As moradias populares rurais, embora apresentem tipologias semelhantes, não são reproduzidas em série; seu dimensionamento é variável e leva em conta o tamanho do grupo familiar. Evidentemente que existem soluções arquitetônicas na moradia rural camponesa e que muito se assemelham em regiões diferentes do país, mas essa semelhança pode ser explicada pela fala de Moneo (1984), que

afirma que, na arquitetura, para idênticos problemas existem idênticas soluções (Souza, 2017).

Figura 35 - Divisão dos ambientes – Território Saco das Almas, Brejo/MA.

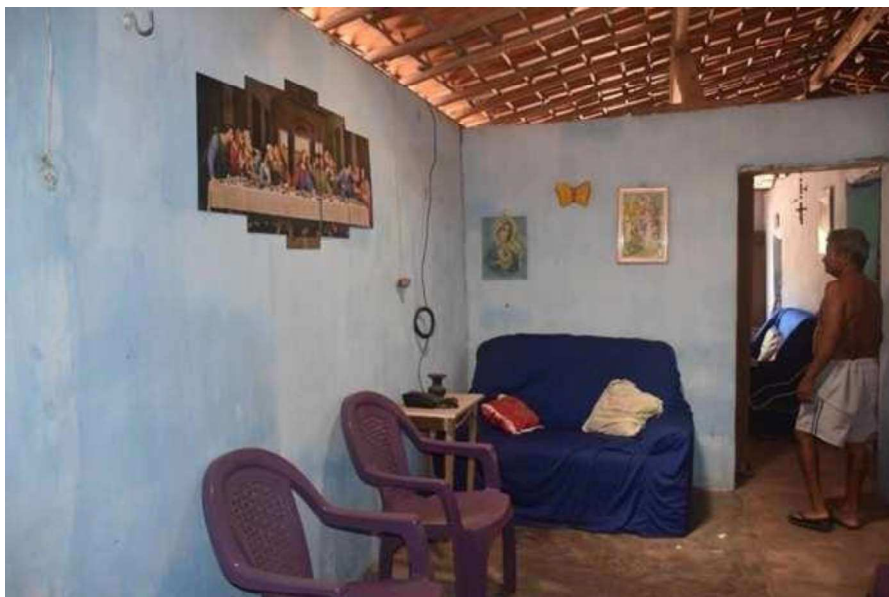


Fonte: LATESE, 2018.

A análise dos layouts arquitetônicos revela a prevalência de um padrão organizacional nas residências, onde a sala frequentemente ocupa a posição inicial, seguida pelos quartos e a/as cozinha(s). O número de quartos varia conforme o tamanho da família ou a disponibilidade de recursos familiares. É notável a escassez quase total de corredores internos, sugerindo que a utilização do espaço interno da casa deve ser pragmática, evitando a criação de áreas "ociosas".

A sala é o local de articulação entre todos os cômodos da casa, é onde as visitas são recebidas e onde os moradores eventualmente descansam, integrando junto a varanda a parte de entrada do domicílio, sendo relevante à socialização dos moradores para com a comunidade. Nesse cômodo podemos encontrar elementos que representem a família como quadros, retratos, flores e decorações religiosas. Em habitações com apenas um quarto, a sala converte-se em dormitório, onde as mulheres costumam ocupar o único quarto e os homens ocupam a sala, com uso de redes.

Figura 36 - Sala – Casa Maria José– Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 37 - Sala – Casa Maria de Fátima– Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: Autora, 2021.

Os quartos são locais de recolhimento e descanso, reservados à intimidade da família. Os moradores dormem em redes ou em camas, e é nele que itens de uso pessoal são guardados, como roupas, redes e documentos. Nesse espaço é possível encontrar cômodas, guarda roupa e uma pequena mesa de canto para guardar a bíblia e imagens religiosas.

Figura 38 - Quarto— Casa Maria de Fátima— Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: Autora, 2021.

A análise do espaço da cozinha permitiu a compreensão de que esse compartimento não se destina apenas ao preparo dos alimentos, mas também ao

convívio cotidiano da família. De acordo com o líder quilombola e ativista político brasileiro Antônio Bispo dos Santos:

A cozinha é o melhor lugar na arquitetura quilombola, o mais necessário e bem cuidado. Se alguém chegar à minha casa e ficar na sala, ninguém vai receber essa pessoa na sala. Não existe isso para nós, todo mundo vai para a cozinha! A arquitetura é pensada também em função da comida. A comida organiza a festa, organiza a recepção, tudo se organiza em torno da comida. Quando fazemos arquitetura, pensamos na comida e na festa, nas formas compartilhadas de vida. (Santos, 2023, p.63)

A cozinha costuma ser localizada aos fundos da casa, possuindo relação direta com o quintal, tanto nos afazeres domésticos quanto no trabalho, a aproximação entre esses espaços sugere a necessidade dos moradores de facilitar o fluxo entre a produção de alimentos na roça e o seu preparo na cozinha. Nesse cômodo podemos encontrar o fogão feito com barro e lenha, e a realização das principais atividades produtivas do quintal, tais como a quebra do coco babaçu, secagem do arroz e preparação da mandioca para fabricação de farinha. Ainda é possível observar a presença de duas cozinhas, uma para receber os móveis destinados àquele ambiente, mesas, cadeiras, armários e a outra destinada à utilização de elementos característicos do rural.

Nas residências é possível a presença de duas cozinhas, uma para receber os móveis destinados àquele ambiente, mesas, cadeiras, armários e a outra destinada a utilização de elementos característicos do rural, como o fogão a lenha feito de barro.

Figura 49 - Cozinha – Casa Maria das Graças–Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 40 - Cozinha – Casa Maria de Fátima– Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: Autora, 2021.

É possível observar que a responsabilidade das tarefas da cozinha são frequentemente designadas às mulheres, como a limpeza de utensílios, preparo dos alimentos e a lavagem das roupas. Por outro lado, os homens são responsáveis pelo trabalho na roça, confirmando a análise de Silva (2009) sobre a divisão de tarefas no contexto camponês.

O tempo de desenvolvimento de cada serviço é planejado de acordo com a necessidade de alimentação do homem que trabalha fora e

das crianças que vão para a escola. Cabe ao homem o trabalho fora de casa, no roçado, nas firmas, nos sítios vizinhos. O trabalho do masculino no espaço da cozinha está diretamente ligado aos cuidados dos animais que ficam no terreiro, em pequenos cercados. A ocupação com os animais que ficam no entorno da casa, na área do quintal, é incluída nas obrigações domésticas diretamente ligadas a cozinha, cabendo a mulheres e crianças a responsabilidade de alimentá-los colocando restos de comidas e sobras das cozinhas da comunidade. (Silva, 2009, p.12)

No fundo das residências foi possível observar a existência de anexos majoritariamente construídos na mesma técnica utilizada na casa, com algumas ressalvas para a utilização de tijolo cerâmico, alguns exemplos vistos foram a casa de forno, galinheiro, banheiro e o jirau.

A planta da casa expressa a materialização das relações sociais dos indivíduos que nela habitam seguindo um padrão conforme descrito por Arruda (2007) chamado de “reciprocidade da forma”, que as características físicas da residência, incluindo suas dimensões e layout, refletem tanto o modo de produção quanto as necessidades específicas de cada família.

A compreensão dos elementos externos à casa é fundamental para o entendimento da moradia camponesa; pois, como já dito, no campo o sentido de morar não se circunscreve somente à casa. É no exterior dela que parte do trabalho da família se espacializa. Morar extrapola as paredes internas da casa e alcança o quintal (Arruda, 2007).

O quintal tem muita importância para a autonomia e reprodução social no habitat rural, como ilustra Santos (2023):

Qual é a parte mais necessária de uma casa no quilombo? É o quintal. Na verdade, são várias; a cozinha é necessária também, todo mundo chega pela cozinha. Mas o quintal é essencial porque é onde as crianças aprendem a fazer tudo. É também onde guardamos espaço para construir a casa de quem vai nascer, as casas das próximas gerações. Na casa da minha filha, por exemplo, há espaço para fazer a casa do filho dela. Nossas casas são pensadas com espaço para fazer outras casas (Santos, 2023, p.59)

A moradia camponesa se organiza em uma estrutura que maximiza o uso do espaço exterior. A casa destina-se ao abrigo da família e ao preparo dos alimentos; no terreno em que está circunscrita, são espacializadas a produção da roça, as áreas de banho e de lavagem de roupas, as instalações sanitárias, as áreas de sombra sob as árvores para as conversas de fim de tarde. É nos fundos da casa que

também são criados atalhos e percursos para a casa de vizinhos e parentes, que passam despercebidos por um observador desatento.

Os anexos atendem às necessidades do morador, podem ser casas de forno, galinheiro, depósito externo, local de lavagem (jirau), espaço para reuniões e refeições, banheiro ou casa de banho. É possível também perceber como a moradia rural se organiza em uma estrutura que maximiza o uso do espaço exterior. O espaço construído da casa se destina ao abrigo da família e ao preparo dos alimentos, porém no terreno em que está circunscrita, são especializadas a produção da produção da roça, as áreas de banho e instalações sanitárias, as áreas de sombra sob as árvores para socialização.

A sentina é uma construção situada no espaço externo da casa, destinada ao descarte de fezes e urina. Trata-se de uma escavação simples, sem revestimento interno, dedicada ao depósito dos dejetos. Suas paredes externas costumam ser feitas em adobe ou taipa, com cobertura em palha ou telha cerâmica. Além, da sentina, outro item é destinado à higiene da família: a casa de banho, construída em palha ou alvenaria, trata-se de uma edificação também situada nos fundos do terreno e destinada ao banho dos moradores.

Foto 41 - Depósito - Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: Autora, 2021.

Os depósitos, ou paióis, são edificações que podem estar tanto adjacentes à cozinha nos fundos, como independentes no terreno. Destinam-se à armazenagem

dos itens produzidos na roça ou para guardar utensílios necessários ao trabalho diário, como enxadas e carroças.

Foto 42 - Depósito - Território Saco das Almas, Brejo/MA.



Fonte: Autora, 2021.

As casas de farinha são edificações de grande importância no cotidiano dos moradores de Saco das Almas. A produção de farinha é utilizada para consumo próprio e para venda, tomando como empréstimo as casas de farinha de vizinhos. Não só a farinha, como também outros derivados da mandioca estão inseridos nos hábitos alimentares dos moradores de Saco das Almas.

Figura 43 - Casa de Farinha – Comunidade Criolis/Boca da Mata – Território Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 44 - Casa de forno – Comunidade Criolis/Boca da Mata – Território Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.



Fonte: Autora, 2021.

No quintal, encontram-se os canteiros para o cultivo de verduras e legumes e as roças; as árvores frutíferas, destinadas ao consumo familiar; o jirau, próximo à cozinha para auxiliar as tarefas de preparo de alimentos e lavagem dos pratos e roupas; a casa de banho; a casa do fogão de barro, para o preparo de alimentos; o chiqueiro e o galinheiro, destinados ao alojamento dos porcos e frangos criados pela família. Em terrenos compartilhados entre os familiares, é comum perceber o uso

coletivo das edificações. Sendo assim, os usos relacionados às moradias em Saco das Almas estão relacionados com as funções que Arruda (2007), atribui ao quintal da morada camponesa:

A casa-quintal é, ao mesmo tempo, chão de morada e terra de plantio. Externa a ela, tem a área de cultivo de subsistência, que garantirá a reprodução da família, as árvores, a horta, as demais unidades físicas, o banheiro, o galinheiro, a casa de outros membros da família e ainda os diversos atalhos que ligam o lote a outras imediações do sítio (Arruda, 2007, p. 80).

Em Saco das Almas, o espaço do quintal contribui para a autonomia do povoado em relação à sede, uma vez que através dele as famílias produzem boa parte dos alimentos consumidos no interior da casa. Assim, a casa-quintal território é muito comum em todo o território quilombola de Saco das Almas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto onde a arquitetura tradicional produzida em territórios quilombolas está à margem dos estudos acadêmicos em colaboração com o desconhecimento sobre o seu modo de vida, o presente trabalho sobre o conhecimento construtivo na produção da moradia na Comunidade Quilombola de Saco das Almas, buscou contribuir para a compreensão da construção da casa a partir da sabedoria tradicional, expondo os sistemas construtivos tradicionais, taipa de mão e adobe, o uso dos recursos naturais na produção, e como os mesmos condicionam a concepção e desenvolvimento da moradia. Assim, intencionalmente, contribuindo para a divulgação de suas técnicas construtivas que compõem um saber cultural centenário, impulsionando a valorização desses conhecimentos principalmente para o público jovem do quilombo de Saco das Almas, assegurando a reprodução étnica e cultural das comunidades, além de impulsionar a autoestima e o sentimento de pertencimento dos quilombolas, mediante a valorização do seu modo de vida.

Simultaneamente, registrar o saber-fazer da construção da casa quilombola é fundamental para auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas culturalmente adequadas ao modo de vida tradicional. Ademais, o uso da terra e recursos naturais na construção assegura a autonomia construtiva, que é fundamental no espaço rural, permitindo que as famílias tenham o poder de obter sua casa de acordo com seus interesses e necessidades. Desse modo, estimular a pesquisa sobre tecnologias construtivas baseadas nas sabedorias tradicionais pode resultar em melhorias para toda a sociedade.

Em Saco das Almas foi visto que a produção das moradias é adaptada de acordo com os materiais que a natureza oferece e são disponíveis na região, onde a apropriação dos recursos naturais e o seu uso são desenvolvidos a partir de uma sabedoria tradicional coletivamente construída, pautados em uma relação de harmonia com a natureza e a garantia de sobrevivência das futuras gerações. Desse modo, a moradia nessa comunidade é a materialização do modo de vida tradicional e produção da família.

O espaço da moradia do povoado "demonstra costumes específicos, percebidos no arranjo e organização dos anexos do lote e dos cômodos da casa, na disposição das atividades cotidianas referentes ao morar e trabalhar, que são

desenvolvidas neste ambiente, nas relações sociais envolvidas na construção de casas, nas atividades de lazer e de produção, havendo uma preocupação com a coletividade, nos saberes de técnicas tradicionais que esta população adquiriu com o tempo". (VIEIRA, 2017, p. 86)

A terra possibilita que os moradores de Saco das Almas desenvolvam seus saberes construtivos e os aplique na construção das suas moradias e anexos, sendo presente desde a fundação às esquadrias das casas, o que vai garantir a sua sobrevivência diante do significativo déficit habitacional no Estado do Maranhão e assegurar o desenvolvimento da família. Dito isso, é possível observar que se trata de uma arquitetura de sobrevivência, que possui imperfeições e exige constante manutenção, porém essas técnicas podem ser aperfeiçoadas, em contramão a ideia de inferioridade dessas construções e necessidade de erradicação, e para desenvolver o aperfeiçoamento dessas técnicas é crucial estabelecer incentivos para a valorização e conseqüente aplicabilidade dessas técnicas. Além disso, é fundamental contemplar políticas públicas de habitação alinhadas a essa realidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. G. A **luta na/pela terra frente à expansão da soja no município de Brejo, Maranhão**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, Universidade Estadual do Maranhão, 2017
- ARRUDA, Andréa Figueiredo. **O espaço concebido e o espaço vivido da morada rural: políticas públicas x modo de vida camponês**. 2007. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Área de Concentração Paisagem e Ambiente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-19052010-094729/pt-br.php>. Acesso em: 02 janeiro. 2024
- ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru/São Paulo: Edusc. 2006.
- ASQUITH, L., VELLINGA, M. **Vernacular Architecture in the 21st Century: Theory, Education and Practice**. New York: Taylor & Francis, 2006.
- ASSUNÇÃO, Matthias R. **A Guerra do Bem-te-vis: a Balaiada na memória oral**. São Luís: EDUFMA, 2008.
- AYRES, Genny Magna de Jesus M. **Pretos, brancos e agregados em Saco das Almas**. 141 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- BURNETT, F. L.; SOUSA, C. R.; BRAGA, I. G.; OLIVEIRA, A. M. N. FARIAS, A. G.; GOMES, A. M.; VIEIRA, N. F.; AGUIAR, M. A. (Orgs.). **Arquitetura como resistência: a autoprodução da moradia popular no Maranhão**. 1. ed. São Luís: Editora Uema, 2020.
- BURNETT, Frederico Lago; SOUZA, Clara Raissa Pereira; MONIZ FILHO, Manoel Fernando. **Arquitetura como resistência: Autoprodução da moradia popular no Maranhão**. Thésis, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 162-174, dez. 2021
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CAMPOS, L. M. **Recursos naturais utilizados na autoconstrução em comunidades do Território Quilombola de Saco das Almas, Brejo e Buriti, Maranhão**. Plano de trabalho. Programa Institucional de Iniciação Científica UEMA/PIBIC - CNPq/UEMA/FAPEMA, 2021.
- CASTRO, Edna. **Terras de preto entre rios e igarapés**. In: Belém de águas e ilhas. CASTRO, Edna (org.), Belém: CEJ UP, 2006
- CAVICCHIOLI, Andrea. **Atlas da arquitetura em terra: Ocorrência, distribuição geográfica e características físico-químicas do patrimônio histórico edificado**

com terra no Estado de São Paulo. Escola de artes, ciências e humanidades, São Paulo, 2016.

CONCEIÇÃO, M. **Essa terra é nossa: depoimento sobre a vida e as lutas de camponeses no Estado do Maranhão.** Entrevista e edição de Ana Maria Galano. Petrópolis: Vozes, 1980.

COSTA, Samayra Rejane Santos. **Modalidade informal de provisão habitacional: autoconstrução** urbana. Um estudo de caso em **São Luís** – MA. 2018.

CROUCH, D. P., JOHNSON, J. G. Traditions in architecture: Africa, America, Asia and Oceania. New York: Oxford University Press, 2001.

DI MARCO, A.R. Pelos caminhos da terra. Projeto., 1984, n.65, p.47-59, jul. ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 15. p. 145-149.

ESCOBAR, Arturo. Territories of difference: place, movements, life, redes. Durham: Duke University Press, 2008.

FARIAS, Andrea Garcez de. A moradia rural do povoado de **São Miguel dos Correias, Cajari, Maranhão.** Universidade Estadual do Maranhão, São Luís. 2018.

FURTADO, Marivania Leonor Souza. Aquilombamento no **Maranhão:** Um rio grande de (im)possibilidades. 2012, Tese (Pós-Graduação em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2012.

FURTADO, Marivania Leonor Souza. A **alma da mangueira e suas raízes de sofrimento.** (Relatório Antropológico do território quilombola Saco das Almas). São Luís: 2014.

FURTADO, Marivânia Leonor S.; MUNIZ, Sérgio César C. Processos de “**regularização**” étnico fundiárias e as **estratégias de lutas quilombolas no Maranhão.** In: XVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. Brasília – DF, 2017, p. 1-20. Disponível em: <<http://sbs2017.com.br/anais/resumos/PDF-epostertrab-aceito-1420-1.pdf>>. Acessado em: 02.01.2024.

GLASSIE, H. Architects, Vernacular Traditions, and society. TDSR - Traditional Dwellings and Settlements Review, Vol. 1, p. 9-21, 1990.

GLASSIE, H. Vernacular Architecture. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

GOMES, Flávio dos Santos. Mocambos e quilombos: Uma **história** do campesinato negro no Brasil. Editora Claro Enigma, 2015.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES. Carta del Patrimonio **Vernáculo Construído (1999)**. Ratificada por la 12º Asamblea General en México. México, 1999.

KAPP, S.; BALTAZAR DOS SANTOS, A.P.; VELLOSO, R.C.L. Morar de outras maneiras: pontos de partida para uma **investigação** da **produção** habitacional. *Topos*, v.4, p.34-42, 2006.

LEMOS, C. A. C. Cozinhas, etc.: Um **estudo sobre as zonas de serviço da** casa popular. São Paulo: Perspectiva S.A. 1976.

LITTLE, Paul E. **Territórios** Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia. n. 322. Brasília: UnB, 2002.

LOPES, W. G. R. Taipa de **mão** no Brasil: levantamento e **análise** de **construções**. São Carlos, 1998. 232p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, área de concentração Tecnologia do Ambiente Construído) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

MARICATO, E. **Autoconstrução**, a Arquitetura **Possível** In MARICATO, E. (Org.) A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

MEMMOTT, P., DAVIDSON, J. Exploring a Cross-Cultural Theory of Architecture. *TDSR - Traditional Dwellings and Settlements Review*. v. XIX, No II. Spring, 2008.

MONEO, R. De la tipología. *Summarios*, Buenos Aires, nº 79, julho, 1984.

MONIZ FILHO, Manoel Fernando. **Autoconstrução: A moradia de descendentes** de quilombolas na **Microrregião** de Chapadinha. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

NEVES, Célia; FARIA, Obede Borges (Org.). **Técnicas de construção com terra**. Bauru, SP: FEB-UNESP/PROTERRA, 2011. 79p.

NOGUEIRA, S. M. **Usos da Moradia nas Comunidades do Território Quilombola** de Saco das Almas, Brejo e Buriti, **Maranhão**. Plano de trabalho. Programa Institucional de Iniciação Científica UEMA/PIBIC - CNPq/UEMA/FAPEMA, 2021.

OLIVER, P. Vernacular Know-how. In TURAN, M. (Ed.). *Vernacular architecture: paradigms of environmental response*. Brookfield, USA: Avebury, 1990.

OLIVER, P (Org.). *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

OLIVER, P. *Built to meet needs: cultural issues in vernacular architecture*. Oxford: Elsevier, 2006.

Projeto Vida de Negro – 10 anos de luta pela **regularização e titulação** das Terras de Preto do **Maranhão**. Organizado por SMDH/CCN em 1998.

RAPOPORT, A. House Form and Culture. Upper Saddle River: Prentice-Hall, 1969.

ROCHA, M. **Técnicas de Construção com terra. Uma introdução**. Cadernos de Construção com terra. Lisboa: ARGUMENTUM, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra **dá**, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISSEAGRAMA, 2023.

SCOTT, J. C. .; MENEZES, M. A. de .; GUERRA, L. Formas cotidianas da **resistência camponesa**. Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 10–31, 2002. DOI: 10.37370/raizes.2002.v21.175. Disponível em: <http://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/175>. Acesso em: 26 set. 2023.

SILVA, Aichely Rodrigues da; CUNHA, Vladeir Vieira da. A luta pela terra no **Maranhão**: Caso do Bico do Papagaio. UFU, Uberlândia, Minas Gerais, 2012.

SILVA, M. A. Cozinha: **espaço de relações** sociais. Revista Iluminuras, v. 10, n. 23, 2009. Disponível em: seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/10083/5852. Acesso em 02 abr. 2024.

SILVA, S. R. **Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra**. XII Coloquio Internacional de Geocrítica. Bogotá, 2012.

SIMMEL, GEORG. Georg Simmel: Sociologia. Evaristo Moraes Filho (Org.). São Paulo: Ática. 1983.

SOUZA, Clara Raissa Pereira de. **Política de habitação rural no Maranhão: Da moradia camponesa à "casa do governo"**. Dissertação de Mestrado, UEMA, São Luís, 2017.

SOUZA, Clara Raissa Pereira de. **A moradia camponesa em Pequizeiro, Belágua (MA): modos de construir e de morar**. In: Anais do I Encontro Habitat Urbano e Rural no Maranhão: formas de produção e uso da moradia popular tradicional no Maranhão. São Luís, Maranhão, 8 e 9 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.athuar.uema.br/wp-content/uploads/2018/03/Anais-do-I-Encontro-Estadua-l-Habitat-Urbano-e-Rural-no-Maranh%C3%A3o..pdf>.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa **sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VIANA, Keliane da Silva. A terra prometida ainda é promessa: conflitos ambientais e territoriais em Saco das Almas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão, 2018.

VIANA, Keliane da Silva; BENJ UMEA, Diego Fernando Carvajal. Num ano era feijão e no outro era soja: **O discurso de desenvolvimento como estratégia dos gaúchos para aquisição de terras no leste** maranhense. II Seminário Nacional GPELD – Linguagens, discursos e práticas culturais. Maranhão, 2017.

VIEIRA, Nubiane Fonseca, **Espaço** da moradia rural no povoado de Pequizeiro, **Belágua, Maranhão**. 2017

WEIMER, G. Arquitetura Popular Brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOORTMANN, Klass. **Casa e Família Operária**. Anuário Antropológico/80. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982. p.119-150